

FRANCISCO MICEK, C.SS.R.

MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS DA
VICE-PROVÍNCIA DA BAHIA (BRASIL) (1972-2002)

UMA RESPOSTA ÀS URGÊNCIAS PASTORAIS

I. FUNDAÇÃO DA MISSÃO – VICE-PROVÍNCIA
REDENTORISTA DA BAHIA

1. ANTECEDENTES

A idéia da fundação da Região – Vice-Província Redentorista da Bahia – teve início durante a visita pastoral do Geral da Congregação, Pe. Tarcísio Ariovaldo Amaral, à Província de Varsóvia, no mês de outubro de 1969. Naquela ocasião, quatro sacerdotes jovens (Pes. Tadeusz Pawlik, Tadeu Mazurkiewicz, Gerard Siwek e Józef Dudek) foram falar com o Padre Geral, expressando o desejo de viajar às missões no exterior, onde a Congregação mais precisasse. O Padre Geral aceitou com alegria a disponibilidade deles. Neste primeiro encontro com o Pe. Amaral, falou-se sobre a ida para a Guiana Holandesa (Suriname). Retornando, porém, para Roma, o Pe. Geral mudou de idéia, porque os Redentoristas holandeses já tinham solicitado a saída de Bom Jesus da Lapa e da Bahia. O Governo Geral estava precisando de missionários para a Bahia.¹

Em maio de 1970 o Pe. Amaral dirigiu uma carta ao Pe. Stanisław Stańczyk, Provincial de Varsóvia, nestes termos:

¹ Cf. *Noticiário* – Boletim Informativo da Missão Redentorista da Bahia, editado a partir de 1979, nº 36, p. 35. Cf. Francisco MICEK, *Missão Redentorista da Bahia. Vinte anos a serviço de evangelização*, Salvador-BA 1992, passim.

«...Estamos propondo à Província de Varsóvia uma nova missão no Brasil, o Estado da Bahia, desligado do território da Vice-Província do Recife. Queremos colocar em destaque alguns pontos importantes:

1) Trata-se de uma região de particular importância para a Igreja do Brasil, onde os problemas pastorais precisam de soluções prudentes e corajosas.

2) A problemática social nesta parte do Brasil é muito grave e reflete em toda a ação pastoral. /.../

Caro Pe. Provincial: escrevi esta carta depois de longa reflexão. Este assunto, durante vários meses, confiava ao Pai nas minhas orações e agora o confio à sua consciência e ao seu amor à Congregação /.../

Resumindo:

a) Concretamente, oferecemos a vocês a pastoral missionária no Estado da Bahia, onde temos o Santuário de Bom Jesus da Lapa e a Paróquia da cidade de Juazeiro-BA.

b) Não será necessário aceitar ao mesmo tempo ambas as localidades.

c) Levando esse assunto ao conhecimento da Província, faça uma sondagem de opinião. No caso de a Província concordar, as particularidades da aceitação da fundação trate com a Vice-Província de Recife.

d) O Governo Geral pode servir de mediador para facilitar as negociações. /.../

Finalizando, não falarei da minha humilde bênção; que vos abençoem milhões de fiéis dessa vastíssima região, que esperam pelo zelo pastoral de vocês. No momento de tomar as decisões esteja com vocês Santo Afonso».²

Depois de alguns meses, após uma ampla consulta feita à Província, Pe. Stańczyk pôde dar a resposta positiva, pedindo ao mesmo tempo maiores esclarecimentos sobre a fundação na Bahia, para apresentá-los ao Capítulo provincial.³

O Padre Geral, agradecendo a disponibilidade da Província de Varsóvia em aceitar o novo trabalho missionário, sugeriu que

² Arquivo da Missão Redentorista da Bahia.

³ Carta de 30.07.1970 (original em latim).

algum dos confrades poloneses visitasse a Bahia para ver, no local, a situação concreta do futuro trabalho pastoral.⁴

Uma correspondência animada entre o Vice-Provincial do Recife Pe. Jaime van Woensel, o Provincial de Varsóvia e o Geral imprimiam agilidade à idéia de que a fundação fosse aceita. O Padre Geral aconselhava o Vice-Provincial do Recife:

«Seria bom, no começo, não espantar os poloneses e insistir que basta assumir Lapa. Quanto a Juazeiro e Salvador, ver-se-á mais tarde. A Dom Eugênio escrevi que, por ora, não será possível dar o pessoal para Salvador /.../. Por fim, temos algo de positivo, embora não esteja resolvido ainda... Rezemos para que Deus endireite os caminhos...».⁵

As primeiras notícias que chegaram à Polônia sobre Bom Jesus da Lapa e a Bahia foram as seguintes:

«Spelaepolitanus a Bono Iesu (nome latino de Bom Jesus da Lapa) 21.08.1970: /.../ A Diocese possui seis padres diocesanos (três brasileiros e três italianos) e cinco padres redentoristas (quatro holandeses e um brasileiro – o superior da comunidade). A Diocese tem dez municípios na superfície de 55.368 km². A população chega a 164.812 habitantes. A cidade da Lapa possui cinco mil habitantes e no município mais ou menos vinte mil. O Santuário encontra-se nas grutas, pontos de atração de geólogos e de turistas, mas, sobretudo, de numerosos peregrinos do Bom Jesus. O apostolado da Paróquia e do Santuário está confiado aos Redentoristas da Vice-Província de Recife».

Na outra carta disse o Vice-Provincial:

«Quanto à população, o povo é muito simples, existindo ainda muitos analfabetos, principalmente no interior da Paróquia. Os habitantes da zona rural são pequenos e pobres agricultores. É um povo muito bom, cheio de respeito para com o sacerdote, de alma religiosa (os homens também!) mas de conhecimento religioso limitado. Há, deste modo, inevitáveis mostras de su-

⁴ 17-Va 333/70 12.08.1970 (original em latim).

⁵ Carta de 27.07.1970. Trata-se de D. Eugênio de Araújo Sales, arcebispo de Salvador.

perstição, comportamento que se estende aos visitantes do Santuário. A população da cidade da Lapa é muito difícil, bastante apática e um pouco indolente. Esse é o mal costumeiro das populações das cidades de peregrinação. Exceto algumas famílias, a maior parte do povo é socialmente pobre. O mesmo podemos dizer dos romeiros. Os peregrinos chegam, sobretudo, dos estados da Bahia, Minas Gerais e Goiás. Vêm a pé, a cavalo, a burro, de ônibus, de caminhão ou pelo Rio São Francisco. É gente de regiões onde raramente se encontra algum sacerdote...».⁶

À pergunta do Provincial de Varsóvia, se precisava mandar algum padre com preparação intelectual especial, o Pe. van Woensel respondeu:

«Quanto às qualidades intelectuais exigidas dos padres que virão, não é necessário mandar confrades com títulos acadêmicos, doutores em Teologia, Sagrada Escritura ou Filosofia... mas deve pensar nos padres que tenham senso crítico, quanto à pastoral e ao contato com o povo; padres que tenham bastante criatividade e espírito de discernimento. Sobretudo devem ter bom-senso. Seria bom mandar algum padre que seja capaz de administrar os bens (alguém que tenha senso apostólico, ao mesmo tempo, para que possa entender-se com os confrades engajados diretamente na pastoral). Se houver algum padre com carisma para trabalhar com os jovens da cidade, mandem-no. Todos os sacerdotes tenham a capacidade de trabalhar na pastoral de grupos ou massa, mas também sejam capazes de manter contatos individuais ao nível pessoal. Não mandem padres psicologicamente complicados. Caberá ao grupo ser unido, porque só desta maneira se entenderá tanto na pastoral como na vida comunitária. Desculpe-me se estes conselhos parecem óbvios, mas tudo isso constitui uma condição muito séria e tem significado especial para a situação de Bom Jesus da Lapa».

À pergunta do Provincial de Varsóvia: «Quantos padres seriam necessários?», o Pe. van Woensel respondeu:

«Tendo em conta a diversidade de trabalho e grande movimento dos romeiros /.../ eu faria sugestão que viessem cinco ou seis padres para a fundação da Lapa /.../. É muito grande a

⁶ Carta do Vice-Provincial do Recife, 27.08.1970 (original em francês).

nossa expectativa e esperança de que seus padres darão certo em Bom Jesus da Lapa. Como o Senhor já percebeu através das explicações, o apostolado da Lapa é realmente redentorista; é uma evangelização dos pobres em pleno sentido».⁷

Já na carta anterior, o mesmo Vice-Provincial falou:

«Para começar o trabalho, em primeiro lugar precisam aprender português e ter alguns conhecimentos da cultura do Brasil. Quanto ao estudo da língua, serão suficientes três meses. Em Louvain, na Bélgica, existe um curso deste tipo, que quero recomendar...».⁸

Como o Padre Geral tinha sugerido, o Pe. Stanisław Stańczyk em companhia do Pe. Waclau Pilarczyk, Vice-Provincial de Resistência (Argentina), vieram ao Brasil, em abril de 1971, para encontrar-se com o governo da Vice-Província do Recife.

A visita do Provincial de Varsóvia ficou marcada por uma tragédia na Vice-Província do Recife: o Pe. Vice-Provincial Jaime van Woensel e o Procurador (Ecônomo) Pe. Canísio de Groot, viajando ao encontro do Provincial da Polônia sofreram acidente de carro. Como consequência, o Pe. de Groot morreu e o Pe. van Woensel foi hospitalizado. Desta maneira, o Provincial retardou sua visita, aguardando que a situação voltasse à normalidade.⁹

Depois de terem visitado Bom Jesus da Lapa e Juazeiro, reuniram-se, em Recife onde debateram os detalhes da entrega de Bom Jesus da Lapa à responsabilidade pastoral dos poloneses. Resolveram que, durante o ano de 1972, os Padres holandeses iam continuar trabalhando em Bom Jesus da Lapa, enquanto os poloneses, colaborando com eles, iam-se ambientando na complexa realidade lapense, para assumirem a fundação a partir de janeiro de 1973.

⁷ Carta do Pe. Jaime van Woensel, 27.08.1970.

⁸ Carta de 21.08.1970.

⁹ Crônica da Missão Redentorista da Bahia (Lapa I), p. 17.

2. CANDIDATOS PARA A NOVA MISSÃO

À época em que se debatia na Província a aceitação da nova missão no exterior, quando muitos julgavam inconveniente iniciar novo campo de trabalho sem que a Vice-Província da Argentina estivesse suficientemente abastecida, chegavam às mãos do Provincial pedidos de voluntários para a Bahia. Os quatro padres jovens que se tinham oferecido ao Padre Geral, em 1969, foram os primeiros candidatos; no total, porém, mais de quinze confrades fizeram o pedido por escrito, ou seja, uns 10% dos Redentoristas poloneses. Um número significativo.¹⁰

No dia 19 de fevereiro de 1971, o Conselho Provincial escolheu quatro padres da Província e um da Vice-Província de Resistência, na Argentina, para formarem o primeiro grupo missionário na Bahia. Foram: Pes. Lucas Kocik (39 anos), Francisco Deluga (36 anos), Tadeu Mazurkiewicz (30 anos), José Danieluk (29 anos) e Cyslau Stanula (30 anos) que trabalhou na Argentina desde o fim de 1966.¹¹

No sábado, 15 de janeiro de 1972, depois da despedida durante o almoço na comunidade de Cracóvia, os quatro viajaram a Katowice, onde, na estação de trens, os aguardava o Pe. Provincial, Stanisław Stańczyk, com vários outros confrades, de maneira que foram, em total, nove Redentoristas. O trem para Viena atrasou uma hora inteira; passaram frio, porque a temperatura era de -20°C. Estavam exaustos física e psiquicamente, carregando muitas bagagens (17 malas, 4 sacolas e uma tela).

Fizeram escalas em Viena, Roma e visitaram lugares alfonsonianos na região de Nápoles. Após semanas de viagem no navio italiano «Augustus», chegaram ao porto de Santos no dia 11 de fevereiro de 1972.¹² Na noite desse dia, estiveram na comunidade redentorista de São Paulo (na casa provincial, na Avenida Angélica), acolhidos com toda a cordialidade e amor fraterno. Desta maneira começava a longa e bela história de atenções e

¹⁰ Lucas KOCIK, *Tome a sua Cruz – 25 anos da Missão Redentorista em Bom Jesus da Lapa (1956-1981)*, Salvador 1981, 93.

¹¹ *Ibid.*

¹² Crônica da Missão Redentorista da Bahia (Lapa I), p. 20.

ajuda da parte dos confrades da Província de São Paulo, que continuou a crescer, cada vez mais, nos vinte anos seguintes.

Os quatro missionários fizeram depois uma votação para decidir quem iria estudar em Aparecida e quem ficava em São Paulo. Sortearam ida para Aparecida os Pes. Lucas Kocik e Tadeu Mazurkiewicz, de maneira que, em São Paulo, ficaram estudando Pes. Francisco Deluga e José Danieluk. O superior do grupo, Pe. Ceslau Stanula, que devia chegar da Argentina antes deles, para ir preparando o ambiente, demorou a vir em função de entraves com o visto para o Brasil. Somente no dia 13 de abril de 1972 conseguiu chegar a São Paulo.¹³ Desta forma, o primeiro grupo de missionários para a Bahia estava completo.

3. CHEGADA À BAHIA

Enquanto o superior, Pe. Ceslau Stanula, tomava conhecimento da realidade baiana e acertava os detalhes da fundação com o Geral da Congregação e com o Vice-Provincial do Recife (nos primeiros dias de maio de 1972), os outros confrades, após meses de estudo da língua, chegavam a Bom Jesus da Lapa. Aproximava-se a romaria, havia muitas áreas de trabalho para serem conhecidas, lugares por serem visitados, experiências a serem feitas.

Nos dias 30.05-02.06 do mesmo ano, a convite do Superior Geral, Pe. Ceslau Stanula participou do encontro dos Superiores maiores redentoristas do Brasil, conhecendo o ambiente redentorista.¹⁴

Nestes primeiros meses de estadia na Bahia, aconteceu um episódio que, felizmente, não teve desfecho trágico. O Pe. José Danieluk com o Pe. Lauro José Masserani (Redentorista, de São Paulo), visitavam as localidades da Diocese de Juazeiro-BA, sobrevoando a região num aparelho que pertencia ao bispo local, D. Tomás Murphy, Redentorista. No domingo de Ramos, terminaram o trabalho pastoral numa localidade e, despedindo-se do

¹³ *Ibid.*, p. 31.

¹⁴ Carta do Pe. Stanula ao Pe. Stańczyk do dia 12 de maio de 1972.

povo, prepararam-se para voar rumo a Casa Nova, onde haveria outra celebração. Após a decolagem, a cerca de dez ou quinze metros de altura, o avião precipitou-se no solo diante da multidão perplexa. Os Pes. Lauro e José nada sofreram de grave, tendo, este último, fraturado uma vértebra.¹⁵

A situação sócio-religiosa da Lapa não foi fácil naqueles primeiros anos da década de setenta. A área urbana possuía quatro pontos de atendimento pastoral (Gruta do Bom Jesus, Santa Luzia, Amaralina e Capela das Irmãs). A população da cidade era muito heterogênea, composta, em boa parte, de adventícios atraídos pelos aspectos comerciais da romaria. Por essa razão, o que marcava a vida social da cidade era fraqueza dos laços sociais, tanto em nível familiar como político e religioso. Além disso, a população era de tal modo pobre que uma terça parte não dispunha do necessário para a sobrevivência.¹⁶

Sempre animado e otimista, o superior, Pe. Ceslau Stanula, no auge da primeira romaria (3 de agosto de 1972), assim escrevia ao Provincial da Polônia:

«A nossa opinião quanto à nova fundação é a seguinte: A Lapa tem futuro. É um campo de trabalho genuinamente redentorista, como nos tempos de São Clemente, em Varsóvia /.../. A importância da fundação e as previsões de desenvolvimento se baseiam no fato de que Lapa é um Santuário. Pela pastoral desenvolvida, teremos influência religiosa para todo o centro do Brasil /.../. Estou observando as romarias que estão chegando e tenho previsões muito otimistas».

O primeiro grupo de missionários era jovem e animado, interessado em entrar em vários setores de trabalho pastoral. Logo depois da festa do Bom Jesus (6 de agosto), realizaram uma reunião para distribuir as responsabilidades que, futuramente, iriam assumir com a retirada dos confrades holandeses. O Superior, Pe. Ceslau Stanula, assumiria o cargo de pároco; Pe. Francisco Deluga, o atendimento aos romeiros e o cuidado para com

¹⁵ Cf. Crônica da Missão Redentorista da Bahia (Lapa I), pp. 29-30.

¹⁶ Cf. Relatório do Pe. Cristiano Joosten, C.S.S.R. (1972). Arquivo da MRB.

o Santuário; Pe. Tadeu Mazurkiewicz e José Danieluk, o atendimento às comunidades rurais e a pastoral da juventude na cidade; o Pe. Lucas Kocik, a economia (cuidando também das fazendas, dos bens do Santuário e da contabilidade). Pouco a pouco, iam entrando na pastoral e procurando, nos meses de convivência com os confrades holandeses, não introduzir mudanças significativas. Precisavam adquirir muitas experiências para, um dia, realizar melhoras e modificações no sistema de trabalho.¹⁷

4. INÍCIO OFICIAL DA MISSÃO REDENTORISTA DA BAHIA

Em 8 de dezembro de 1972, o Pe. Geral Tarcísio Amaral, criou a nova entidade jurídica, a Missão Redentorista da Bahia, através do Decreto *Ut promoveatur*.¹⁸ O documento dizia o seguinte:

«A Missão constitui parte da Província de Varsóvia, abrange o Estado da Bahia, com casa em Bom Jesus da Lapa e outras comunidades que, no futuro, serão fundadas».¹⁹

Devido à situação particular do regime comunista reinante na Polônia (atrás da, assim chamada, “cortina de ferro”), o Governo Geral determinou que a recém-fundada Missão dependeria diretamente de Roma. Foi uma decisão prudente e sábia que ajudou muito à Missão da Bahia no desenvolvimento e no trabalho pastoral. Em comum entendimento entre as Províncias de Amsterdã, Varsóvia e do Governo Geral, a transferência das responsabilidades pastorais em Bom Jesus da Lapa devia acontecer no dia 1 de janeiro de 1973.²⁰

Nesta data, durante a Missa concelebrada por toda a comunidade redentorista da Lapa, juntamente com o Conselho da Vice-Província do Recife, presidida pelo Bispo Diocesano Dom José Nicomedes Grossi, os Redentoristas holandeses entregaram

¹⁷ Crônica da Missão Redentorista da Bahia (Lapa I), p. 38.

¹⁸ Cf. KOCIK, *Tome a sua Cruz*, 94.

¹⁹ Decreto *Ut promoveatur*. Arquivo da MRB.

²⁰ *Ibid.*

a responsabilidade pastoral em Bom Jesus da Lapa aos Redentoristas poloneses, para que eles continuassem uma evangelização iniciada há quase três séculos neste Santuário.

No discurso pronunciado nesta ocasião, o Vice-Provincial do Recife, Pe. Gabriel Hofstede, disse:

«Nós, livremente, entregamos a Bahia para os nossos confrades redentoristas poloneses; nós nos retiramos porque achamos que eles têm mais possibilidades de levar para frente este trabalho...»

Falou isso porque na cidade circulavam boatos de que os padres holandeses foram “mandados embora” pela suprema autoridade eclesiástica. Em uma pequena cidade pode-se esperar tudo.²¹

Dom José Nicomedes Grossi, bispo diocesano de Bom Jesus da Lapa, agradeceu cordialmente aos Redentoristas da Vice-Província,

«...pelos dezesseis anos de trabalho pastoral²² realizado de corpo e alma para o bem do Santuário e da Paróquia de Bom Jesus da Lapa, principalmente ao Pe. Víctor Rodrigues que dirigiu o Santuário e a Paróquia com energia e bondade».²³

Pe. Víctor concluiu o seu discurso:

«Aos nossos confrades entregamos o Santuário de coração aberto, e faço votos de que continuem com coragem. A luta será árdua, mas não tenham medo. Deus está conosco!... Ao Senhor Jesus, eu agradeço por ele ter me dado força para poder fazer, de sua Casa, Casa de oração – Casa de Deus. Se foi necessário usar – como ele – as cordas, usei-a, sem medo e sem temor. Cumpri o meu dever».²⁴

²¹ KOCIK, *Tome a sua Cruz*, 97.

²² Os Redentoristas holandeses da Vice-Província Nordestina do Recife trabalharam no Santuário de Bom Jesus da Lapa desde maio de 1956.

²³ KOCIK, *Tome a sua Cruz*, 94-95.

²⁴ *Ibid.*

Devemos frisar que os confrades da Vice-Província do Recife enfrentaram luta árdua: foi necessário retirar das grutas as atividades comerciais e toda a desordem reinante. Isso lhes custou dissabores e gestos hostis de algumas pessoas da cidade que, anteriormente, se beneficiavam com o comércio dentro do Santuário.

O novo reitor do Santuário, e pároco, Pe. Ceslau Stanula, disse:

«O Cristo trouxe a paz à terra! Os confrades holandeses, saindo de Bom Jesus da Lapa, não levam nada, nenhuma riqueza. Levam, porém, a certeza de terem cumprido bem a missão que Deus lhes confiou. Nós, Redentoristas poloneses, estamos aqui para continuar – por mandato de Cristo – o trabalho iniciado, para compartilhar os problemas do povo, as suas dores e alegrias, trazendo a paz de Cristo. Vamos trabalhar nesta porção da Igreja sem medo de qualquer sacrifício e dificuldade...».²⁵

5. PRIMEIROS PASSOS NA PASTORAL ASSUMIDA

Nos primeiros meses de 1973, os Padres holandeses saíram da Lapa. O grupo de cinco missionários poloneses encarou a pastoral com entusiasmo e esperança. Ir. Leopoldo Goldenwijk, holandês, de setenta e dois anos, ficou com os confrades poloneses durante todo o ano de 1973. Muito trabalhador, alegre e comunicativo, sentia-se bem na comunidade. Para os novos missionários, a permanência dele foi uma vantagem porque os obrigava a conversar em português.²⁶

Uma das dificuldades principais que enfrentaram desde o começo, foi a ausência de aceitação por parte do povo. Eles vieram como estrangeiros... o povo da Lapa (como tantas outras cidades – santuários) estava cheio de preconceitos com os que chegavam do exterior; eram, no julgar do povo, indivíduos que queriam enriquecer às custas dos brasileiros. Daí a situação incômoda, a frieza e desconfiança.

²⁵ KOCIK, *Tome a sua Cruz*, 94-95.

²⁶ Cf. Carta do Superior, Pe. Ceslau Stanula (4.04.1973).

O que salvava a nova Comunidade era a união, o clima cordial e de mútua confiança. Trabalhavam juntos, como corpo, como comunidade, sem individualismo e sem vontade de aparecer. Surgiam, portanto, os frutos dos esforços. Para conhecerem melhor o povo e a situação em que vivia, começaram a visitar as famílias da cidade. Para o povo, estas visitas pareciam algo estranho, mas continuaram percorrendo as casas, incluindo, também, famílias de outras religiões.

Não existia, na vinda dos missionários para Bom Jesus da Lapa, interesse comercial algum. Para não haver dúvidas quanto a isso, resolveram não permanecer à frente da loja de lembranças religiosas, administrada, anteriormente, pelo Pe. Victor Rodrigues, superior da comunidade lapense e reitor do Santuário. O estabelecimento, que se chamava “Casa do Sacerdote” e, depois, “Casa Duarte”, passou à gerência de Guilherme van Rijn (ex-irmão redentorista holandês, casado).

A princípio, não introduziram mudanças na pastoral ou nos trabalhos sociais. Por outro lado, conseguiram reabrir a Creche Santa Luzia, que passou a funcionar, durante dez anos, com um maior número de crianças; introduzir o Curso de Contabilidade no Colégio São Vicente; continuar a construção da casa de Irmãs Vicentinas; iniciar o atendimento pastoral na favela Nova Brasília.

A zona rural da Paróquia era muito extensa naqueles anos. Abrangia todo o município de Bom Jesus da Lapa, com Serra do Ramalho e a região de Sítio do Mato. Tendo sido dois padres jovens escalados para atender as comunidades rurais, começaram a fazer visitas mais freqüentes e a dedicar maior tempo a cada comunidade. Nos meados do primeiro ano (1973), conseguiram trocar, com ajuda do exterior (Adveniat), os dois carros velhos, Jeep e Toyota, – já quase inúteis – por dois novos: um Jeep e uma Rural (tração quatro rodas).²⁷ Para chegar às comunidades situadas à beira do Rio São Francisco, viajaram de lancha gastando, no trajeto de ida e volta, longas horas.

²⁷ Cf. KOCIK, *Tome a sua Cruz*, 102 e 103

²⁷ Carta do Superior da Missão da Bahia ao Provincial da Polônia. 19.06.1973.

Existia outro problema a ser resolvido: a moradia da Comunidade. A casa de adobe, construída no começo do século XX, não oferecia condições de vida normal. Precisavam pensar na construção da nova casa para a Comunidade.

Aproximava-se a primeira romaria sob a responsabilidade dos missionários poloneses. O Reitor do Santuário, Pe. Ceslau Stanula, dirigiu um pedido a todos os Bispos do Regional Nordeste III²⁸, solicitando ajuda na romaria. O resultado foi positivo: vieram vários sacerdotes e agentes de pastoral. A partir do ano seguinte, o Reitor do Santuário já participava das reuniões dos Bispos do Nordeste III, apresentando o plano da pastoral do Santuário, a fim de conseguir ajuda dos bispos, padres e religiosos na romaria.

As grandiosas Missões Redentoristas, nas cinco comunidades eclesiais de Bom Jesus da Lapa, realizadas em novembro de 1974, podemos considerar como o encerramento dos “primeiros passos” dos missionários poloneses na Bahia. Pregaram os missionários da Província de São Paulo, Pes.: Pedro Fré, José Carlos de Oliveira,²⁹ Antônio Bibiano de Siqueira, Hilton Furlani, Lauro José Masserani e Olívio Copetti. Foram atendidas durante a Santa Missão mais de 4.000 confissões, distribuídas 21.080 comunhões, receberam a primeira Eucaristia 757 adultos, foram legitimados 283 casamentos. A Santa Missão foi concluída no domingo, dia 17 de novembro de 1974. Segundo o levantamento sócio-religioso, realizado por ocasião da Santa Missão, a cidade de Bom Jesus da Lapa contava com 12.213 habitantes.³⁰

²⁸ A Igreja do Brasil é dividida em dezessete Regionais. Os Redentoristas da Vice-Província da Bahia trabalham no Regional Nordeste III que abrange os Estados da Bahia e do Sergipe.

²⁹ Os dois primeiros missionários: Padres Pedro Fré e José Carlos de Oliveira foram posteriormente nomeados bispos. D. Pedro Fré, bispo diocesano de Barretos – SP e D. José Carlos de Oliveira, bispo diocesano de Rubiataba – GO.

³⁰ Cf. Crônica da Missão Redentorista da Bahia (Lapa I), pp. 126-127.

6. CHEGADA DE NOVOS MISSIONÁRIOS POLONESES PARA A BAHIA

O dinamismo missionário da primeira equipe, as notícias positivas das iniciativas pastorais chamavam a atenção dos Redentoristas na Polônia, onde se preparavam para vir à Bahia os padres Tomás Bulc e Tadeu Pawlik. Depois de participar da romaria de 1974, como visitante da Argentina, no ano seguinte, Pe. Francisco Micek solicitou transferência para o Brasil. Pe. Casimiro Zymuła, considerado "suspeito" pelo regime comunista da Polônia, fazia anos que pedia o passaporte para reforçar a equipe missionária de Bom Jesus da Lapa. Durante doze anos fez, pelo menos, vinte e cinco pedidos, solicitando às autoridades estatais a permissão para sair do país.

A chegada de todos eles aconteceu nos anos setenta, sendo que Pe. Tomás Bulc (39 anos), integrou o grupo em janeiro de 1974, Pe. Tadeu Pawlik (38 anos), em janeiro de 1976, Pe. Francisco Micek (40 anos), em abril do mesmo ano e Pe. Casimiro Zymuła (48 anos), em abril de 1979.

Levando em conta o número dos Redentoristas na Polônia, a Província-Mãe não foi muito generosa em enviar os missionários para a Bahia. Houve, por certo, vários motivos que limitavam as reservas dos confrades disponíveis, como, por exemplo, a aceitação da Missão na Bolívia (Região de Tupiza), nos fins dos anos setenta, para onde foram enviados cerca de quinze confrades novos. No entanto, no começo dos anos oitenta, a Missão da Bahia precisava, com urgência, de reforços para montar a casa do seminário, em Salvador, e esses demoraram demais, com prejuízo para a formação na Bahia.

No ano de 1983, vieram dois missionários: Pes. Waldemar Gałazka e Tadeu Słaby; em 1986, depois da intervenção do governo geral (o que causou um certo impasse com o governo provincial), chegou Pe. Carlos Kamiński e, concluindo os seis anos de estudo na Academia Alfonsiana, em Roma, Pe. Marcos Piątek, com doutorado em Teologia Moral. Em 1989, chegou Pe. Adão Mazur e, em 1991 Pe. Wiesław Groń.

Depois da queda dos regimes comunistas, a Província de Varsóvia investiu nas missões na ex-União Soviética, abriu-se um vastíssimo campo de trabalho missionário, bem atrativo para os poloneses. Atualmente, trabalham mais de vinte padres em vários países do leste. É mais um motivo de não mandar reforços para a Bahia.

Mas, entretanto, foram ordenados os seminaristas poloneses e brasileiros, de maneira que a Missão da Bahia conseguiu montar a Equipe Missionária, liberar um confrade para a Pastoral Vocacional, enviar alguns sacerdotes para os estudos de pós-graduação e aceitar nova frente de trabalho pastoral, em Senhor do Bonfim. Em 1998 chegou Pe. Estanislaw Wilczek, em 2000 Pe. Eugênio Fasuga e, em 2002, Ir. Pedro Budrewicz (por três anos).³¹

Houve, na história da Missão-Vice-Província da Bahia “anos das vacas magras”, de longas temporadas sem nenhuma ajuda por parte da Província-Mãe.³²

Mas, enquanto não estava disposta a mandar sacerdotes, a Província de Varsóvia investiu em mandar junioristas para o seminário da Bahia e, graças a essa experiência, a Vice-Província conseguiu progredir e sustentar as suas prioridades apostólicas.

Devido às urgências pastorais da região e ao zelo apostólico que não os deixavam sossegados, os Redentoristas da Bahia, ao longo dos anos, estavam sobrecarregados de trabalhos e, surgindo algum imprevisto, não tinham reservas para a substituição. Assim aconteceu, como veremos, em Una, depois da morte prematura do Pe. Waldemar Gałazka (1986), quando a paróquia ficou por dois anos sem pároco estável e os Redentoristas precisaram entregar à diocese este campo de trabalho pastoral.

A Missão da Bahia contou sempre com um grande apoio dos Redentoristas das outras (Vice-)Províncias brasileiras, princi-

³¹ Ir. Pedro Budrewicz retornou para a Província de Varsóvia em janeiro de 2004.

³² As outras Províncias-Mães dos Redentoristas do Brasil investiram com uma generosidade maior nas suas Missões. A Província da Baviera mandou mais de setenta missionários para São Paulo e Goiás; na Província de Campo Grande trabalharam mais de cem Redentoristas americanos da Província de Baltimore. EUA.

palmente da Província de São Paulo, onde muitos confrades poloneses estudaram a língua e fizeram as primeiras experiências pastorais e missionárias, onde durante longos anos os confrades paulistas aceitavam os jovens da Bahia nos seus seminários e no noviciado.

II. PRIORIDADES PASTORAIS E MISSIONÁRIAS DOS REDENTORISTAS DA BAHIA

A história da Vice-Província da Bahia se expressou, ao longo dos trinta anos, em respostas concretas que os Redentoristas davam e continuam dando às urgências pastorais e prioridades apostólicas.

O início do trabalho apostólico dos Redentoristas poloneses coincidiu com o período de muitas mudanças e novidades na Igreja da América Latina. As Conferências dos Bispos da América Latina (CELAM) em Medellín (1968) e em Puebla (1979) traçaram o rumo da ação pastoral, com a opção preferencial pelos pobres, naquela época de regimes militares nos países do Continente. Em defesa dos pobres e lutando pela justiça social, surgiu a Teologia da Libertação, com todos os seus erros e limitações. Em consequência, a pastoral das massas, a devoção popular e a pastoral sacramental foram contestadas, como uma alienação que não levava à libertação do povo. Vindos de um país de regime comunista, não foram preparados para lidar com as novas correntes de teologia na América Latina.

Além disso, os Redentoristas poloneses, na sua pastoral, foram surpreendidos com o fenômeno dos cultos afro-brasileiros, como Candomblé, etc. Não tiveram preparação teórica para encarar essa problemática pastoral na Bahia.

Apesar disso, conseguiram manter uma linha equilibrada e discernir o que era certo ou errado.³³ Conseguiram adquirir uma inculturação no ambiente tão específico como o da Bahia.

³³ Carlos Alberto STEIL (*O Sertão das Romarias*, Petrópolis 1996), no seu estudo amplo sobre as romarias ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, expressa-

1. PASTORAL DOS SANTUÁRIOS

Os maiores Santuários do Brasil foram confiados à pastoral dos Redentoristas: Aparecida – SP, Trindade – GO e Bom Jesus da Lapa – BA (terceiro no país, quanto à frequência anual dos peregrinos), sem contar vários outros santuários menores.

Na época de Santo Afonso de Ligório foram as urgências pastorais que o motivaram para fundar a Congregação Redentorista. Da mesma maneira, as urgências pastorais do Nordeste brasileiro e, concretamente a pastoral no Santuário de Bom Jesus da Lapa, foi o motivo principal da fundação da Missão – Região Redentorista da Bahia.

O trabalho de evangelização nos outros santuários atendidos pela Vice-Província da Bahia: São Lázaro, em Salvador (a partir de fevereiro de 1976), Basílica-Santuário do Senhor do Bonfim, em Salvador (1978-1980) e Nossa Senhora d'Ajuda, em Porto Seguro (desde fevereiro de 1999) foi e continua sendo resposta dos Redentoristas às urgências pastorais da Igreja do Brasil.

a) Santuário de Bom Jesus da Lapa

Segundo as intenções do Governo Geral que convidou os Redentoristas poloneses para a Bahia, a tarefa principal dos mesmos devia ser o atendimento religioso dos peregrinos no Santuário de Bom Jesus da Lapa, encravado no sertão nordestino, a mais de oitocentos quilômetros de Salvador. O trabalho de evangelização realizado no Santuário possui uma projeção muito grande para vários Estados brasileiros. Esta foi, então, a motivação principal da fundação da Região da Bahia que se tornou a prioridade apostólica dos Redentoristas poloneses e brasileiros nesta parte do Brasil.³⁴

se de maneira muito positiva a respeito da pastoral dos Redentoristas poloneses no Santuário: Cf. p. 85 – sobre a maneira como os Redentoristas poloneses se relacionam com os romeiros e p. 131 – sobre o relacionamento com os adeptos do candomblé.

³⁴ O Superior Geral Pe. Tarcísio Amaral escrevia ao Provincial de Varsóvia em maio de 1970: «Trata-se de uma região de particular importância para a Igreja do Brasil, onde os problemas pastorais precisam de soluções pru-

Origem do Santuário

Segundo as fontes históricas, o fundador do Santuário foi Francisco de Mendonça Mar que veio de Portugal para o Brasil, em busca de uma vida melhor. Era ourives e, ao mesmo tempo, pintor de casas. As injustiças e humilhações por ele sofridas e a ganância dos poderosos de que foi vítima, levaram-no a uma decisão: desfez-se de suas posses, distribuindo-as, e apartou-se da sociedade exploradora. Francisco tinha – nesse período – uns trinta anos. Pobre, acompanhado de uma imagem do Cristo Crucificado, caminhou cerca de mil e duzentos quilômetros. Após vários meses de incessante caminhada, avistou um morro, penetrou numa gruta e lá colocou a Cruz – era exatamente isso que procurava! As margens do Rio São Francisco, começou a vida de eremita na solidão e na oração, venerando o Bom Jesus e louvando a Maria Mãe da Soledade, cuja imagenzinha também tinha trazido. Passou a ser conhecido como o Monge da Gruta³⁵.

A gruta, anteriormente habitação de onças, tornou-se morada dele e logo foi convertida por Francisco em lugar de oração – um templo. Isso ocorreu em 1691. Após cerca de treze anos, quando a notícia do início do Santuário se tinha divulgado, Francisco foi chamado a Salvador e, depois de estudar por alguns anos, em 1706 foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide, que o nomeou capelão do Santuário do Bom Jesus e de Nossa Senhora da Soledade. Depois de um período frutífero de trabalho sacerdotal e missionário, faleceu, provavelmente, após 1722, quando tinha cerca de sessenta e cinco anos de idade. Segundo a tradição, a partir daquela época, o Santuário sempre foi atendido pelos sacerdotes.

dentes e corajosas. A problemática social nesta parte do Brasil é muito grave e reflete em toda a ação pastoral...»

³⁵ Cf. Cristóvão MAMALA, *Romaria em Bom Jesus da Lapa: expressão da vida do pobre*. Trabalho da Conclusão do Curso. Universidade Católica de Salvador 1991, passim.

Topografia do Santuário

O Santuário da Lapa, antes de tudo, é um traço de grandes prodígios da natureza. É uma das raras elevações da monótona planície de São Francisco, com várias e lindas grutas, onde a tradição encontrou fundamento para lendas e milagres. O morro da Lapa parece um retalho de montanha calcária isolado no meio de uma planície, com a base quase dentro d'água e a margem coroada de cactos e bromélias espinhantes, entremeadas de picos, agulhas, pirâmides, minarets das mais diversas formas... O morro, sofrendo a erosão do tempo, recebeu formas pitorescas e aparências de um monumento da verdadeira arte – uma elegante arquitetura... Um simples romeiro, estupefato com a beleza do morro, a obra da prodigiosa natureza, disse: «Só Deus pôde preparar para o seu Filho uma igreja tão bonita!».

O morro tem noventa e três metros de altura, quatrocentos metros de largura e aproximadamente mil e oitocentos metros de circunferência. Nele se encontram várias grutas (um total de catorze já descobertas), entre as quais destacam-se: a do Bom Jesus, com cinquenta metros de comprimento, quinze metros de largura e sete de altura, a Gruta de Nossa Senhora da Soledade, com mais de mil metros quadrados, as grutas de Santa Luzia, do Santíssimo Sacramento, da Ressurreição, etc. Algumas delas estão habilitadas ao culto religioso, com piso, bancos, altares, iluminação e instalação de som. Outras servem para ser visitadas e admiradas na sua naturalidade original. O fenômeno geográfico adquiriu dimensão sociológica e religiosa, por relacionar-se àqueles que a ele se encaminham e nele projetam toda a sua mística. O morro passa a ser um núcleo de encontro, de festa...

Romeiro do Bom Jesus da Lapa

Diante da Imagem do Crucificado, “O Senhor Bom Jesus da Lapa,” como chamam a Jesus neste Santuário, ajoelham-se os romeiros de todas as idades, de diferentes lugares. Eles trazem consigo um coração penitente, uma oração fervorosa de palavras simples que brotam espontaneamente. No altar, ponto principal da Gruta, podemos ouvi-los balbuciando preces; outros que, em

alta voz, fazem seus pedidos e agradecimentos; outros que misturam palavras com lágrimas; outros que soluçam ou perdem a voz emocionados, mas é ao mesmo Senhor da Cruz que se dirigem todas essas emoções e olhares. É a Ele que os romeiros recomendam a si, aos familiares e amigos, e entregam aos seus auspícios a proteção de suas vidas.

Na multidão flutuante da romaria, pode-se ver pessoas que vêm por motivos turísticos, comerciais e as que se apresentam como romeiras. Estas últimas se distinguem pelas suas visíveis particularidades:

- chapéu de palha revestido de pano branco e ornado com uma fita preferencialmente verde. Seu uso provoca muita uniformidade e chama a atenção de todos os observadores.

- pobreza indisfarçável: trata-se de gente humilde, enferma, vencida pelo cansaço. A maioria fica marcada pelo sacrifício de uma viagem longa e difícil.³⁶ Os romeiros, na maioria, são pequenos lavradores. Por pertencerem à classe pobre, principalmente da roça, sofrem conseqüências negativas no campo educacional. Vale acrescentar, ainda, que os romeiros são de famílias numerosas, com precárias condições de saúde, em muitos casos sem nenhuma assistência médica.³⁷

- Uma outra característica, que parece essencial na elaboração da identidade dos romeiros, é o aspecto comunitário manifestado em todas as ações, comportamentos e discursos durante o tempo reservado à visita ao Santuário do Bom Jesus. “Na romaria, tudo é de todos”. Desde o início da viagem, ficam no mesmo carro, comem a mesma farofa; juntos percorrem todos os trajetos da cidade, cantam os mesmos benditos, usam os mesmos chapéus... A simplicidade, a abertura e o espírito da ação conjunta impressionam os observadores. Os romeiros procedem de quase todos os Estados do Brasil.

³⁶ Lucas KOCIK, *Lapa – O Santuário do Bom Jesus*, 7ª edição, Bom Jesus da Lapa 2000, passim.

³⁷ MAMALA, *Romaria em Bom Jesus da Lapa* (pesquisa do ano 1990).

Pastoral no Santuário do Bom Jesus

Em sintonia com a caminhada da Igreja do Brasil, de acordo com as diretrizes da CNBB, a pastoral no Santuário de Bom Jesus da Lapa coloca-se a serviço de centenas de milhares de pobres, que chegam aos pés do Bom Jesus em busca de conforto da fé. À luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, os Redentoristas querem contribuir (através das pregações, catequese e a administração dos sacramentos) para a formação do Povo de Deus, a fim de que continue vivendo na comunhão fraterna, testemunhando Jesus Cristo. Através da pastoral, querem colocar-se a serviço da vida e da esperança dos romeiros que vivem em situações de injustiça, exploração e miséria. Desta maneira, querem participar, junto com o povo peregrino, da construção de uma sociedade justa e solidária a caminho do Reino definitivo.

Pela pastoral do Santuário, os Redentoristas querem levar o romeiro à vivência cotidiana da fé, tendo em conta que, para muitos peregrinos, a vinda anual ao Santuário é o único contato com a Igreja e com a pastoral, devido à escassez de sacerdotes e de agentes de pastoral no sertão. Incentivam a formação de Comunidades Eclesiais de Base. A cada ano, escolhem um tema principal para a romaria que orienta as pregações, homilias e palestras. Na escolha seguem as diretrizes da CNBB, visando as necessidades e desafios sociais, expressos nos temas da Campanha da Fraternidade de cada ano. Desta forma os Redentoristas e o povo peregrino estão em sintonia com as grandes metas da ação pastoral da Igreja do Brasil.

Entre as romarias específicas que são organizadas para o Santuário cabe destacar a Romaria da Terra e das Águas realizada, a cada ano, desde 1978, para os lavradores e trabalhadores do campo, a Romaria da Legião de Maria (desde 1995), da Pastoral da Criança, (desde 2003), etc. O Santuário mantém correspondência e, durante a romaria, a pastoral personalizada para quase seis mil “chefes de romaria” – homens e mulheres que organizam as peregrinações.

Várias celebrações eucarísticas diárias dão aos peregrinos a possibilidade de participar da liturgia. Inúmeras confissões – o trabalho mais árduo no Santuário – atendem-se individualmen-

te. A pastoral penitencial é difícil devido a pouca base catequética do povo, como também porque os romeiros raramente se confessam nas suas paróquias devido à escassez de sacerdotes. Estão cientes de que o segredo da boa pastoral do Santuário consiste em atender bem os romeiros que procuram o Sacramento de Penitência e a orientação espiritual.

Os trabalhadores da pastoral do Santuário

A pastoral do Santuário do Bom Jesus está sendo organizada, planejada, executada e avaliada, sobretudo, pela comunidade redentorista de Bom Jesus da Lapa. O Reitor do Santuário, em sintonia com o Bispo Diocesano, orienta a pastoral. Vale dizer, porém, que toda a Vice-Província da Bahia, com os confrades de outras Comunidades, compartilham esse mister ajudando, dentro do possível, nos trabalhos do Santuário. Sempre foi e continua sendo muito valiosa e eficiente a colaboração das Comunidades de Formação de Salvador, tanto da parte dos padres como dos seminaristas.

A romaria tem suas temporadas altas, de muito movimento. São, principalmente, os últimos dias da novena do Bom Jesus (28 de julho a 06 de agosto) e o setenário, com a festa de Nossa Senhora da Soledade (07 a 15 de setembro). Pode-se contar, facilmente, com a presença de cem mil romeiros na primeira data e cinquenta mil na última. Nos primeiros vinte anos do trabalho dos Redentoristas da Missão da Bahia no Santuário, para as grandes festas, tinham sido convidados missionários redentoristas da Província de São Paulo ou de Goiás. Com o crescimento numérico da Vice-Província e a criação da Equipe Missionária definitiva, esses trabalhos são realizados, quase sempre, por eles mesmos.

Dificuldades e desafios da pastoral no Santuário

- Uma das dificuldades que os Redentoristas da Bahia encontram na pastoral do Santuário é o anonimato do romeiro. O peregrino é alguém que está de passagem, por isso é difícil atingi-lo de forma pessoal, tanto mais que o grande número de romeiros e a falta de tempo impedem contatos informais, mais per-

sonalizados. Não se percebem os frutos do trabalho pastoral, o que pode gerar rotina, cansaço, desânimo da parte dos missionários.

- Um ambiente de extrema pobreza; a presença de dezenas (ou centenas) de mendigos na porta, gera uma situação deprimente. Mesmo com as ações corajosas de aposentar os pedintes idosos³⁸, até agora, não se conseguiu resolver o problema da mendicância no Santuário. O empobrecimento crescente da população faz aumentar as fileiras de indigentes.

- Os ladrões, malandros e assaltantes a mão armada, constituem um Capítulo à parte no tempo da romaria. As vítimas mais freqüentes de roubos e assaltos são os romeiros.

- O Santuário não possui espaço físico suficiente para um funcionamento melhor: está limitado ao recinto das grutas e da esplanada (onde cabem cerca de quinze mil pessoas).

- Falando dos desafios, cabe ainda mencionar as críticas dirigidas à comunidade redentorista por parte de alguns sacerdotes e agentes de pastoral, que acham infrutífero, inútil e alienante o trabalho com a massa, porque não leva à libertação.

- A administração dos bens do Santuário, que está sob a responsabilidade dos Redentoristas, cria – não poucas vezes – uma opinião, não só entre o povo da cidade, mas também entre os sacerdotes e agentes de pastoral da Diocese, de que “os padres têm muito dinheiro”, o que não é verdade.

- Em conseqüência de todos esses desafios, constatavam-se já, muitas vezes, na Comunidade lapense uma certa apatia e cansaço.

Vantagens da pastoral no Santuário

A pastoral no Santuário não conhece apenas desafios e dificuldades. Existem muitos aspectos animadores, que consolam e mobilizam os Redentoristas para vencer os obstáculos.

³⁸ No ano de 2003, o ecônomo do Santuário, Pe. Wieslau Groñ, conseguiu a aposentadoria ou o benefício social para umas 500 pessoas idosas e doentes da Lapa. Mas isso ainda não resolveu o problema de mendicância.

- Mesmo que passageiro, têm um contato vivo com os pobres e abandonados aos quais, como filhos espirituais de Santo Afonso, são enviados. Podem evangelizá-los enquanto os peregrinos os questionam, ensinam e evangelizam, também, com a sua fé profunda, com o espírito de sacrifício e solidariedade.³⁹

- Através da pastoral de massa, os Redentoristas estão contribuindo para a evangelização de uma vastíssima região, muito abandonada e carente da pastoral ordinária, por falta de clero e de agentes de pastoral. Contribuem para a formação e o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em toda a região de influência religiosa do Santuário.

- O período da romaria toma-se, cada ano, uma “Missão Permanente” que mobiliza todos os confrades da Vice-Província da Bahia. É um objetivo comum que une a todos.

- Perante o fenômeno da invasão das seitas religiosas, o Santuário do Bom Jesus, através da sua ação evangelizadora, é, para milhares de peregrinos, um baluarte da fé católica.

- Existe um campo muito vasto para desenvolver uma pastoral vocacional corajosa e ampla. Dentro do possível, estão explorando essa vantagem. Já houve contatos com muitos vocacionados através da romaria; há, também, frutos dela: os confrades brasileiros: padres, irmãos e estudantes.

Resumindo: O Santuário de Bom Jesus da Lapa, sendo lugar da evangelização de centenas de milhares de fiéis, que são realmente pobres e abandonados, constitui, para os Redentoristas da Bahia, um fator decisivo de crescimento espiritual e vocacional num clima de caridade apostólica. Contribui, também, para o desenvolvimento pastoral e missionário dos confrades. O povo peregrino humilde, de uma fé simples, evangeliza os missionários e os mobiliza para serem Redentoristas autênticos quanto à vida consagrada ao Cristo Redentor e quanto à pregação explícita da palavra de Deus que, segundo o ideal alfonsiano, deve ser simples e acessível para todos, até aos mais ignorantes.

³⁹ Cf. Tema do XX Capítulo Geral da C.S.S.R.: “Evangelizare pauperibus et a pauperibus evangelizari” – Evangelizar os pobres e ser por eles evangelizados.

Ao longo da história dos quase cinquenta anos do trabalho dos Redentoristas no Santuário (incluindo os confrades holandeses), os mesmos conseguiram criar uma grande amizade e empatia com o povo peregrino. Os peregrinos estimam muito “os padres da Lapa”. Isso tem reflexo nas Santas Missões pregadas pelos Redentoristas da Bahia. Basta que o missionário se apresente como “padre da Lapa” para ganhar uma grande simpatia e aceitação. O trabalho missionário no Santuário do Bom Jesus une toda a Vice-Província: padres, irmãos, seminaristas e missionários leigos. Para os formandos dos seminários o trabalho apostólico no Santuário é uma importante motivação vocacional.

b) Santuário de São Lázaro

No dia 8 de fevereiro de 1976, os Redentoristas da Missão da Bahia assumiram o trabalho pastoral na igreja – santuário de São Lázaro, na periferia da paróquia da Ressurreição do Senhor, em Salvador. Segundo os dados históricos, a igreja de São Lázaro foi construída nos primeiros anos do século XVIII⁴⁰. No passado, à igreja estava ligado um hospital de males transmissíveis, incuráveis. O modesto edifício do antigo hospital existe até os nossos dias. A igreja de São Lázaro é um lugar onde o culto afro-brasileiro dos descendentes dos escravos africanos tem expressão muito forte. Os fiéis veneram São Lázaro e Omulu; ambos são considerados protetores contra as doenças contagiosas e senhores da vida. Essa mistura da fé africana com o cristianismo é bem presente até hoje.

Para muitos católicos de Salvador, a igreja de São Lázaro é um lugar santo, onde o céu está mais próximo do homem, onde as pessoas parecem sentir bem de perto a presença de Deus. O dia mais importante para os romeiros é o de segunda-feira, e os meses de janeiro e agosto. Nem todas as segundas-feiras são iguais. A primeira e a última de cada mês têm maior importância. Aos fins de semana a participação mais significativa fica por conta dos moradores do bairro: crianças, jovens, adultos.

⁴⁰ Marcos PIĄTEK, *Igreja de São Lázaro: história, fé e cultura*, Salvador 1996, passim.

A vida da igreja de São Lázaro, em janeiro de cada ano, é muito animada. É o mês do Padroeiro, São Lázaro, com a festa patronal celebrada no último domingo. Para os adeptos do candomblé, o mês de janeiro é dedicado a Omulu, que não raramente é identificado com São Lázaro. Outro mês muito animado é agosto. No dia dezesseis deste, celebra-se a festa de São Roque. Para as pessoas do candomblé, São Roque é identificado com o jovem orixá Obaluaé. A presença das pessoas que “tomam banho de pipoca” na frente da igreja é bem maior que nos outros meses.

Os romeiros de São Lázaro, ao chegarem, têm um programa extenso a cumprir. Primeiro “tomam banho de pipoca” na pracinha em frente à igreja. Na maioria dos casos, cada devoto providencia sua pipoca. Diante do cruzeiro, a pessoa tira os sapatos e passa pipoca em todo o corpo, começando pela cabeça. Terminada a cerimônia, entram na igreja e se dirigem ao altar para fazer uma prece diante da imagem de São Lázaro. Algumas pessoas entram de joelhos, cumprindo as promessas. Visitam logo os altares laterais, a sala dos milagres, acendem velas ao lado da igreja e, finalmente, entram na sacristia para anotar intenções de missas, pedir informações; trazem imagens de santos, fitas, velas, água para benzer.

A Igreja de São Lázaro – como pudemos perceber – tem o seu próprio ritmo de vida religiosa, não se enquadrando plenamente nas atividades pastorais da Paróquia de Ondina, à qual pertence.

Esse tipo de trabalho exige dos Redentoristas poloneses (e, em parte, dos brasileiros) uma ampla inculturação, estudo da religiosidade afro-brasileira e cultura dos descendentes dos escravos africanos, um grande respeito com as expressões religiosas do povo baiano, que são bastante estranhas, tanto para os padres poloneses, como para os brasileiros das outras partes do país. Graças a várias reformas e melhoramentos realizados pelos Redentoristas, a igreja de São Lázaro tornou-se uma das mais zeladas e acolhedoras da cidade de Salvador.

c) Santuário do Senhor do Bonfim, em Salvador (1978-1980)

O famoso Santuário do Senhor do Bonfim, em Salvador, já foi atendido, durante quinze anos (1935-1950), pelos Redentoristas holandeses da Vice-Província do Recife. Os mesmos o deixaram por motivo da dependência da Irmandade do Senhor do Bonfim que, sendo proprietária da igreja, considera os sacerdotes como funcionários do Santuário.

O espírito missionário impeliu os confrades da Missão da Bahia para assumirem de novo a pastoral. Esta igreja, a mais importante da cidade de Salvador, por insistência do arcebispo D. Avelar Brandão Vilela, foi atendida pelos Redentoristas poloneses durante dois anos (1978 e 1980)⁴¹. Ao Pe. Francisco Deluga, que foi nomeado "Reitor Provisório" do Santuário, ajudavam Pes. Lucas Kocik, Tadeu Mazurkiewicz e outros. O trabalho não pôde ser continuado em parte pelos mesmos motivos dos confrades holandeses, mas, principalmente, por falta de padres. Foi uma pena! Pe. Geral Tarcísio Amaral, percebendo a sua importância, insistia para que os Redentoristas assumissem o trabalho pastoral na igreja do Bonfim de maneira definitiva. No fundo do inconsciente de vários confrades da Missão existe o "peso" de uma esperança que não chegou a se realizar: a idéia de fazer do Santuário do Bonfim um centro de evangelização, como São Clemente fez da igreja de São Beno, em Varsóvia, o mais famoso centro de evangelização da cidade.

d) Santuário de Nossa Senhora d'Ajuda – Arraial d'Ajuda – Porto Seguro⁴²

Os Redentoristas da Bahia (Pes. José Grzywacz e Francisco Mícek) assumiram a pastoral desse Santuário muito antigo do Brasil – o de Nossa Senhora d'Ajuda, em 28 de fevereiro, de 1999.

⁴¹ Cf. Crônica da Missão Redentorista da Bahia (Lapa II), f. 63.

⁴² José GRZYWACZ, *Santuário Mariano Arraial d'Ajuda Porto Seguro – Bahia. Aspectos históricos, geográficos, artísticos e religiosos do Santuário e da devoção à Senhora d'Ajuda*, Porto Seguro 1999, passim.

O mesmo fica localizado a cinco quilômetros de Porto Seguro, no Arraial d'Ajuda, na assim chamada, Costa do Descobrimento, cerca de setecentos e cinquenta quilômetros de Salvador. O Arraial de N. Sra. d'Ajuda foi mais uma homenagem a Tomé de Souza e aos primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil em 1549, com suas três naus: Conceição, Salvador e Ajuda, que viriam a ser nomes de cidades e de suas primeiras igrejas.

No "Santuário Mariano", de 1722, o frei Agostinho observa:

«Esta ermida começou de paus, ramos, era coberta de folhas de palma como são feitas muitas casas na América. E logo que o Pe. Nóbrega colocou no altar a Senhora d'Ajuda começou a realizar infinitos milagres e maravilhas, que ainda até o presente continuam».

A construção da Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda começou, provavelmente, em 1550, pois os jesuítas só chegaram em dezembro de 1549. A ermida era, inicialmente, uma igrejazinha, coberta de palha, como foi o costume na época.

A Igreja atual é de relevante interesse arquitetônico e histórico, com nave, capela-mor, corredores superpostos, sacristia e torre. O corpo principal da fachada é coroado por frontão barroco em volutas. Possui a torre sineira, do lado direito, com terminação piramidal. A reconstrução definitiva «à moderna, de pedra e cal» foi executada em 1772.

O Santuário que surgiu no tempo da "descoberta" da Terra da Santa Cruz, já foi conhecido e rico em objetos de valor. Com o decorrer do tempo ficou muito abandonado e decaído, por falta de atendimento religioso. Os objetos de valor foram roubados. Os Redentoristas procuram revitalizar este lugar sagrado, tão profundamente ligado à história do Brasil, situado num lugar de extraordinária beleza natural, na costa do Atlântico.

Com apenas quatro anos do trabalho dos Redentoristas já se nota no Santuário uma marcante animação da romaria. Os Redentoristas realizaram, também, uma grandiosa obra de recuperação da economia e da administração dos bens do Santuário.

Assumiram este campo de trabalho pastoral por ser muito abandonado, devido à carência do clero na recém-fundada diocese de Eunápolis. É mais uma resposta às urgências pastorais

da Igreja do Brasil; um sinal da vitalidade e coragem da Vice-Província da Bahia que assume os desafios pastorais do nosso tempo.

2. PARÓQUIAS E FRENTES MISSIONÁRIAS

Algumas paróquias foram assumidas depois de todo o encaminhamento oficial, outras frentes de trabalho missionário e pastoral surgiram de forma espontânea, como uma resposta concreta às necessidades do povo. Os bispos das dioceses apoiavam e elogiavam o trabalho, faziam visitas, mas nunca se preocuparam em resolver o aspecto oficial com os superiores maiores.

a) Paróquia de Bom Jesus da Lapa

Juntamente com a pastoral do Santuário do Bom Jesus, a primeira comunidade redentorista polonesa assumiu, em 1 de janeiro de 1973, a pastoral da extensa paróquia, com a cidade da Lapa e com dezenas de comunidades rurais. Com o decorrer do tempo, foram desmembradas do território da paróquia lapense duas paróquias: Serra do Ramalho (15.09.1976) e Sítio do Mato (19.02.1987), esta última entregue à pastoral das Irmãs Franciscanas da Ssma. Trindade e atendida, no que se refere ao trabalho sacerdotal, pelos redentoristas, por mais dez anos.

Nos últimos dez anos (com a construção da ponte sobre o rio São Francisco e com a pavimentação das estradas), a cidade de Bom Jesus da Lapa cresceu muito, chegando atualmente a uns 40 mil habitantes. Existem quinze comunidades eclesiais na parte urbana, várias delas dispoendo de belas igrejas e capelas construídas pelos Redentoristas, com o atendimento religioso semanal. Outros bairros novos estão ainda sem infraestrutura e sem pastorais implantadas.

Na parte rural, com o crescimento da população e com os novos assentamentos que surgiram nos últimos anos, a paróquia de Bom Jesus da Lapa conta, atualmente, com cerca de noventa

comunidades.⁴³ Todas elas são pobres, carregando conseqüências do clima implacável do sertão baiano. Os moradores estão lutando pela sobrevivência. Algumas das comunidades já fizera m uma caminhada eclesial durante dezenas de anos; contam com lideranças em várias pastorais implantadas. Possuem belas igrejas, capelas e centros comunitários. Outras comunidades estão mais atrasadas em todo o sentido, devido, sobretudo, aos problemas da posse da terra.

Embora quase todos os Redentoristas da Bahia tivessem tido experiência de trabalho na zona rural da paróquia da Lapa, destacaram-se mais os Pes. Tadeu Mazurkiewicz, Tadeu Pawlik, Tadeu Słaby e Estanislau Wilczek, que mais estão gravados na grata memória do povo. O povo aprecia os Redentoristas e é agradecido pela grandiosa obra promocional, social e religiosa realizada em toda a região, apesar das grandes distâncias, caminhos precários, etc.

Os confrades redentoristas: padres, irmãos e, durante as férias, os formandos, exercem o trabalho pastoral com muita dedicação, porque o povo é abandonado, carente e, ao mesmo tempo, bom, acolhedor e religioso. Devido ao número elevado das comunidades, as visitas acontecem poucas vezes ao ano.

As Santas Missões Redentoristas realizadas na paróquia, em maio de 1991, pelos missionários de São Paulo e os da Bahia (no total 17 missionários) nas dezesseis comunidades rurais e nas sete comunidades urbanas foram um grande esforço de evangelização da paróquia, no ano em que o Santuário do Bom Jesus celebrava o Jubileu dos 300 anos.

b) Paróquia da Ressurreição do Senhor

A paróquia da Ressurreição do Senhor, em Ondina – Salvador, foi aceita em 08 de fevereiro de 1976 (pelos Pes. José Danieluk e Francisco Deluga), quando a Missão da Bahia contava apenas com seis padres. A capela provisória da paróquia, com capacidade para cem pessoas, encontrava-se na garagem do Colé-

⁴³ Redentoristas da Bahia – Caderno Documentário C-6; Relatório da Paróquia de B. J. da Lapa para o IV Capítulo Vice-Provincial; pp. 235 ss.

gio ISBA;⁴⁴ a precaríssima moradia em São Lázaro, melhorada, posteriormente, com os trabalhos do Pe. Casimiro Zymuła, ainda depois de oito anos (em 1984) mereceu o nome de “a mais pobre da Congregação”, segundo a expressão do Pe. Geral Josef Pfab. A paróquia conta com várias comunidades eclesiais, sendo a do centro habitado pela classe média e os bairros periféricos pela população muito pobre.

No começo dos anos oitenta, as Irmãs Filhas do Coração de Maria construíram a ampla capela do Colégio ISBA que, durante mais de dez anos, serviu como igreja paroquial. Finalmente, os Redentoristas construíram um belíssimo Centro Paroquial, de quatro pavimentos, com a igreja matriz, salões e outras dependências. Foram construídos, também, centros comunitários nos bairros periféricos da Paróquia (Corte Grande, Alto da Seireia e Baixa da Alegria). A Igreja de São Lázaro, ao longo dos anos, foi consertada e renovada, sendo hoje uma das mais cuidadas de toda a cidade de Salvador.

O trabalho pastoral é desenvolvido com muita dedicação. A implantação das pastorais e de movimentos religiosos estão dando muita vitalidade à paróquia. Com a implantação da Novena a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com as adorações eucarísticas nas quintas-feiras, com o trabalho social desenvolvido em favor dos pobres, a pastoral possui uma marca redentorista. Nas dependências da paróquia realizam-se cursos de capacitação dos missionários leigos, organizados pela Vice-Província da Bahia. Na paróquia trabalham em regra dois sacerdotes. Os formadores e formandos do Seminário Santo Afonso colaboram na pastoral dos bairros periféricos. Um grupo dos Missionários Redentoristas Leigos está atuando na paróquia, contribuindo, também, no trabalho das Santas Missões. Na paróquia da Ressurreição foram realizadas as Missões Redentoristas no ano de 1983, 1986, 1996 e está em preparação a Missão Redentorista no ano de 2004.

⁴⁴ Colégio ISBA = Instituto Social da Bahia, dirigido pelas Irmãs Filhas do Coração de Maria.

c) Paróquia de N. S. da Conceição – Tororó, em Salvador

Durante dez anos (1983-1993) os padres e os formandos do Seminário São Clemente e Santo Afonso, no bairro dos Barris, atenderam pastoralmente a paróquia do bairro do Tororó. A paróquia é relativamente pequena e muito pobre, dispondo de uma capela, sem moradia para sacerdote. Um grupo reduzido de pessoas religiosas participava assiduamente das celebrações, enquanto a maioria dos católicos vivia numa apatia e indiferença religiosa.

Os Redentoristas organizaram a catequese, grupo de jovens, etc. Foi, também, formado um grupo de Missionários Redentoristas Leigos, bastante dinâmico e competente.⁴⁵ A paróquia do Tororó foi atendida de forma provisória; nunca foi aceita oficialmente pela Congregação. Depois de dez anos do trabalho dos Redentoristas, um sacerdote diocesano assumiu a pastoral da paróquia.

d) Paróquia de São José, em Una, diocese de Itabuna – BA

Esta frente de trabalho apostólico também foi aceita como resposta à urgência pastoral daquela região, depois da correspondência oficial entre o bispo diocesano de Itabuna e o superior da Missão da Bahia. Os Redentoristas já conheciam a situação religiosa do povo do Sul da Bahia, através da romaria em Bom Jesus da Lapa. O povo era abandonado religiosamente, vivendo numa semi-escravatura dos grandes latifundiários, proprietários das plantações de cacau.

No dia 2 de fevereiro de 1986, durante a Eucaristia presidida por Dom Paulo Lopes de Faria, bispo diocesano de Itabuna, concelebrando Pe. Tomás Bulc, Superior da Missão da Bahia, e os frades capuchinhos, que durante dezessete anos tinham atendido a região, os dois confrades Pe. Waldemar Gałazka e Ir. Ivanor Borges de Oliveira assumiram a responsabilidade pastoral da Paróquia de Una. Foram aceitos pelo povo com muita alegria.

⁴⁵ O MRL Antonio Marcos de Oliveira, que participou do XXIII Capítulo Geral, em Roma, em setembro de 2003 pertence a esse grupo.

O Pe. Waldemar foi o primeiro sacerdote a morar na cidade. Una é uma cidade pequena, com cerca de seis mil habitantes, distante da sede da diocese de Itabuna uns cem quilômetros. As três semanas de experiência pastoral do Pe. Waldemar e o contato cordial com o povo da cidade e da região, foram interrompidos bruscamente com a sua morte, no dia 26 de fevereiro de 1986, na praia do Atlântico. O médico constatou afogamento causado por uma parada cardíaca.

Durante todo o ano de 1986, o Ir. Ivanor cuidou da pastoral paroquial em Una, enquanto os padres de Salvador e de Bom Jesus da Lapa se revezavam, para atender as necessidades pastorais do povo da cidade e da região.

O trabalho pastoral consistia em visitas, mais ou menos freqüentes, enquanto a cidade crescia com desordenadas “invasões”. Entre os maiores desafios pastorais, podemos destacar:

- Problemas de terra: latifúndios escravizantes, a falta de estabilidade do povo e de garantia no trabalho. Muitas pessoas estavam “de passagem”, por isso os Redentoristas não conseguiam atingí-las com um trabalho pastoral. Devido à essa situação os laços familiares quase não existiam e a implantação das CEBs foi quase impossível.

- O analfabetismo era comum em toda a região rural. Daí a dificuldade de preparar catequistas, líderes de comunidades, etc.

- As seitas protestantes tinham invadido a paróquia de Una já fazia tempo. Somente na cidade, havia oito seitas diferentes, com os seus pastores e templos.

- O povo católico limitava-se ao batismo de crianças, sem nenhuma vivência comunitária de fé. A grande maioria dos casais levava vida desajustada em consequência da situação social e religiosa.

- Financeiramente, a Paróquia não estava estruturada para manter a pastoral ordinária e a comunidade redentorista.

A zona rural possuía cerca de vinte localidades, em sua maioria de grandes fazendas com dezenas de famílias de trabalhadores. Existiam também algumas vilas independentes dos latifúndios. A todas elas os Redentoristas prestavam assistência mensal.

O povo da Paróquia não queria, de maneira alguma, admitir a possibilidade de ficar sem um sacerdote. Expressou isso durante a visita do Provincial de Varsóvia, Pe. Andrzej Rębacz, e do Ecônomo Pe. Stanisław Wróbel, em abril de 1986. Centenas de pessoas acompanharam os visitantes, até o ponto de ônibus, rogando: “Não nos deixem sem padre!”⁴⁶

Os Redentoristas da Bahia, porém, não conseguiram sustentar esse trabalho pastoral em Una. Após dois anos de dolorosa experiência, findo o prazo do contrato provisório com a diocese de Itabuna, no final do mês de fevereiro de 1988, deixaram este campo de trabalho. A paróquia é atendida pelo clero diocesano.

Em 1997 os Redentoristas foram convidados para pregarem a Santa Missão em Una. A Santa Missão aconteceu nos dias 02-25 de outubro daquele ano e foi realizada por seis padres, um diácono e seis missionários leigos.

e) Frente missionária na favela das Malvinas – Bairro da Paz

No mês de março de 1988, Pe. Tadeu Pawlik e Pe. Marcos Piątek fizeram uma visita à “invasão” de “Novas Malvinas”, habitada por milhares de favelados⁴⁷. Vendo a situação do total abandono religioso do povo, iniciaram, juntamente com os formandos do Seminário dos Barris, o trabalho de reconhecimento do ambiente em vista da organização da vida pastoral e social do povo. Assim, paulatinamente, depois de vencer muitos desafios e ameaças, surgiram as quatro primeiras Comunidades no bairro de “Novas Malvinas”: 1. Nossa Senhora da Paz – Praça; 2. Nossa Senhora Aparecida – Areal; 3. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – Área Verde; 4. Cristo Redentor – Setor II. Posteriormente, surgiram mais duas comunidades: 5. Santo Antônio – Alto do Tubo e 6. São José – Alto de Bela Vista.

⁴⁶ Noticiário da MRB n° 27, p. 33.

⁴⁷ Tadeu PAWLIK, *Histórico do trabalho pastoral em “Novas Malvinas” – Paralela – Veja*, Redentoristas da Bahia, Caderno Documentário P-1 2002, pp. 3-6.

Foram construídos os barracos de madeirite onde se realizavam reuniões, celebrações religiosas e onde funcionavam as primeiras escolas. Devido ao caráter provisório da invasão, as autoridades estatais proibiram fazer construções de alvenaria. Os padres e os seminaristas davam assistência religiosa nos fins-de-semana.

No final do ano de 1990, realizou-se, na Praça da Paz, a ordenação diaconal de três seminaristas redentoristas: Antonio Niemiec, Cristóvão Mamala e José Grzywacz. Todos três trabalhavam na evangelização das comunidades do bairro, enfrentando ameaças e até perigo de vida. A ordenação diaconal aconteceu no tempo de muita insegurança e de sempre renovadas ameaças de expulsão. Com esse ato queríamos dar maior apoio ao povo frente às ameaças da parte dos lobos que desejavam e desejam devorar os pobres. «Coragem! Afonso está lá» – dizia Dom Tomás Murphy, Redentorista, bispo auxiliar de Salvador, animando os jovens trabalhadores do Evangelho.

Foram realizadas no bairro, em 1993, as Santas Missões Redentoristas. Depois de oito anos de trabalho pastoral, consolidação das comunidades eclesiais e construção das capelas, o trabalho foi entregue ao sacerdote diocesano. O trabalho dos Redentoristas foi bem sucedido! As comunidades foram criadas, as capelas construídas, o povo começou a caminhar com os próprios pés. Hoje, o Bairro da Paz constitui a parte da periferia de Salvador onde há menos seguidores das seitas protestantes.

Os Missionários Redentoristas têm grande satisfação de ajudar o povo pobre, esmagado e explorado, mas povo bom e generoso. Junto deste povo receberam mais uma lição de como lutar e enfrentar a dureza da vida. Na favela das Malvinas (hoje: Bairro da Paz) foi formado um grupo de missionários leigos que colaboram nos trabalhos missionários da Vice-Província.

f) Frente missionária – Pituaçu, em Salvador

O bairro de Pituaçu está situado na Orla Marítima, junto ao Parque Metropolitano de Pituaçu.⁴⁸ A população do bairro é

⁴⁸ Pe. Tadeu Pawlik, Relatório para o III Capítulo Vice-Provincial (1998). Redentoristas da Bahia – Caderno Documentário C-4, pp. 222-223.

de cerca de 30 mil habitantes. A área faz parte da paróquia São Francisco de Assis, do bairro da Boca do Rio.

No ano de 1988, alguns leigos do bairro de Pituauçu e Dom Tomás Murphy fizeram o pedido ao Pe. Tadeu Pawlik, na época formador dos postulantes, para celebrar a Eucaristia no referido bairro pelo menos duas vezes por mês. As Missas eram celebradas ao ar livre, pois não havia capela. A comunidade ocupou um terreno vazio com vistas à construção da igreja e de um centro comunitário. A participação do povo na Eucaristia era mínima. Com os recursos do exterior foi construída a igreja Nossa Senhora das Candeias junto com os salões no subsolo. Foi o Pe. Tadeu Pawlik quem orientou a construção.

No ano de 1993 houve as Santas Missões Redentoristas realizadas pela Equipe Missionária da Bahia e alguns missionários da Vice-Província do Recife. Atualmente, a comunidade de Pituauçu está dividida em sete comunidades: Centro, Jardim Imperial, Alto Beira Mar, Alto São João, Recanto dos Coqueiros, Bananal e Sítio Pombal. A comunidade Recanto dos Coqueiros possui a capela construída no ano de 1998.

A Vice-Província construiu, no bairro de Pituauçu, a casa de formação, com o empenho todo particular do ecônomo vice-provincial Pe. Cristóvão Mamala. Os formadores, juntamente com os junioristas, dão assistência religiosa às comunidades. Em cada comunidade existe: a catequese, a Pastoral da Criança. Cada comunidade faz a preparação para as Festas dos seus Padroeiros(as) através de Tríduos ou Novenas. Em outubro de cada ano se realiza a ação missionária nas famílias da comunidade.

Funciona um grupo de coroinhas e coral das crianças de alta qualidade. Várias pessoas do bairro contribuem mensalmente com o Clube Vocacional Redentorista. Existe um bom número de Missionários Redentoristas Leigos. A Igreja de Pituauçu é uma Igreja dinâmica e jovem. Nasceu pelo esforço do próprio povo com a ajuda dos missionários redentoristas que, sensíveis às urgências pastorais, assumem desafios para a construção do Reino de Cristo. Os missionários redentoristas vão lá onde a Igreja ainda está ausente e o povo é desprovido da sua assistência. Suscitar novas comunidades eclesiais de base e construir a Igreja Viva, bate bem com o carisma de Santo Afonso.

g) Paróquia na cidade de Senhor do Bonfim

No final dos anos oitenta, a Missão Redentorista da Bahia começou a colher os primeiros frutos da pastoral vocacional e da formação. Foram ordenados vários novos sacerdotes. Surgiu, então, a possibilidade de abrir mais um campo de trabalho pastoral. A abertura de uma nova fundação, além de ser mais um vasto campo para o apostolado, aumentava também a possibilidade de mudanças e transferências.

O Provincial de Varsóvia, Pe. Stanisław Kuczek, após uma visita em 1988, recomendou:

«O Governo da Missão pense na fundação de uma nova casa, de preferência no eixo Salvador – Bom Jesus da Lapa. Chegou o tempo de preparar um novo campo de trabalho para os padres novos que serão ordenados nos próximos anos...».⁴⁹

Por sua vez, os visitantes do Governo Geral, Pes. Giuseppe Zirilli e José Ulysses da Silva apoiaram plenamente tal idéia. Na carta do Geral, Pe. Juan Lasso de la Vega (do dia 30.06.1990), lemos:

«...Vemos com simpatia a decisão de abrir uma nova fundação. De fato a limitação da Missão a apenas dois lugares: Bom Jesus da Lapa e Salvador, parece constituir-se em fator de desgaste físico e psicológico para os confrades. No caso específico desta nova fundação, cremos que a aceitação de um novo lugar, deve levar em conta esse aspecto de saúde física e psíquica, abrindo uma nova possibilidade de transferência e de campo vocacional».⁵⁰

Os pedidos dos bispos não faltaram. Os Redentoristas foram convidados a trabalhar nas dioceses de: Feira de Santana, Caetité, Irecê, Senhor do Bonfim e Floresta-PE. Os critérios da escolha do novo campo da pastoral foram: o abandono religioso do povo, como também, a posição geográfica que favorecia o contato com as outras comunidades da Bahia. Nestas circunstân-

⁴⁹ Carta após a Visita Pastoral (10.08.1988). Arquivo da Vice-Província.

⁵⁰ Superior Generalis 1702. Arquivo da Vice-Província.

cias, optaram, quase unanimemente, pela cidade de Senhor do Bonfim.

O Superior da Missão Redentorista da Bahia, Pe. Tadeu Pawlik, assim escreveu ao Provincial de Varsóvia:

«...Levando em conta o crescimento numérico dos confrades da Missão e as necessidades pastorais da Igreja, desejamos abrir uma nova fundação na Diocese de Senhor do Bonfim. A cidade, sede da Diocese, tem cerca de setenta mil habitantes que, no momento, está sendo atendida por apenas um padre. Além da cidade, fazem parte da Paróquia mais de setenta comunidades rurais. O abandono religioso do povo daquela região é grande... A abertura da nova fundação contribuirá, também, no crescimento do dinamismo pastoral da própria Missão...».⁵¹

O abandono religioso do povo foi a motivação determinante da aceitação desse novo campo de trabalho pastoral e missionário. A instalação da comunidade redentorista em Senhor do Bonfim, composta dos confrades: Pe. Carlos Kamiński, Pe. Cristóvão Dworak e Ir. Ivanor Borges de Oliveira, aconteceu, oficialmente, no dia 17 de fevereiro de 1991. A tomada de posse da nova Paróquia se deu no dia 31 de março de 1991.

Falta de sacerdotes na diocese, abandono religioso do povo, o êxodo dos católicos para as igrejas pentecostais, a indiferença religiosa, tudo isso caracterizava o novo campo pastoral dos Redentoristas, em Senhor do Bonfim. A indiferença religiosa provocou outro fenômeno muito comum: o abandono da maioria dos templos pertencentes à paróquia, tanto na cidade – começando pela catedral e outras cinco capelas – como nas comunidades rurais, onde a situação estava ainda pior.

Além da situação religiosa, particularmente difícil e complicada, cabe lembrar ainda a realidade, já conhecida e presente em todo o Nordeste como a seca, grandes latifúndios, desemprego, analfabetismo, politicagem, corrupção, má vontade dos governantes, injustiças sociais, violação dos direitos humanos, manipulação...

⁵¹ Carta do dia 15 de dezembro de 1990. Arquivo da Vice-Província.

Durante os primeiros anos agiram tanto no campo da evangelização, como no social e material (reforma da catedral e de outras igrejas). As grandiosas Missões Redentoristas, em 01-26 de outubro de 1993 e em 04-17 de abril de 2000 deram um impulso muito importante na pastoral da paróquia.

Os missionários redentoristas que trabalham com muita dedicação, no decorrer dos anos, ganharam muita aceitação e simpatia do povo da cidade e da zona rural da paróquia. A dimensão eucarística das comunidades, o atendimento fiel do Sacramento da Penitência por parte dos padres, a novena a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, movimento juvenil, tudo isso deu à paróquia uma característica redentorista. Surgiu um grupo dinâmico dos Missionários Redentoristas Leigos que está ajudando nos trabalhos missionários da Vice-Província.

h) Paróquia do Espírito Santo – Arraial d'Ajuda

Juntamente com o Santuário de Nossa Senhora d'Ajuda, no dia 28 de fevereiro de 1999, os Redentoristas assumiram a pastoral da paróquia do Espírito Santo. É uma paróquia antiga, fundada no fim do século XVIII, com a sede em Vale Verde, uma vila que, no decorrer do tempo, decaiu, dando lugar ao Arraial d'Ajuda, que se tornou mais importante e passou a ser a sede da paróquia. A paróquia é composta de cinco comunidades urbanas e sete rurais. O povo da maioria das comunidades é muito abandonado; quase a metade de crianças e adolescentes não é batizada; o matrimônio sacramental quase não existe e a participação do povo na vida da Igreja é mínima. As seitas protestantes crescem de maneira assustadora.

Com o trabalho apostólico dos Redentoristas foram organizadas as pastorais, a catequese e movimentos religiosos. Já nos primeiros anos foram construídas quatro capelas. Foi implantada a Novena Perpétua e fundada a Irmandade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na igreja do Arraial d'Ajuda.

É mais uma frente de trabalho apostólico do carisma alfonsiano onde os Redentoristas estão evangelizando os pobres e abandonados. Na paróquia – santuário trabalham os sacerdotes.

As Santas Missões Redentoristas realizadas no mês de outubro de 2003, que foram um sucesso, contribuíram muito para a consolidação das comunidades eclesiais da paróquia.

3. SANTAS MISSÕES REDENTORISTAS

a) Missões Populares da Vice-Província

Levando em conta a finalidade principal da Congregação que é pregar as Missões Populares, os confrades da Região da Bahia desde o começo demonstravam inquietude missionária e, na medida das possibilidades, engajavam-se nesses trabalhos. Desde os primeiros anos os confrades pregavam as Santas Missões, juntamente com os missionários de outras Províncias (São Paulo e Goiás), de maneira que o espírito missionário os animava sempre e, paulatinamente, adquiriam experiências neste campo, na realidade brasileira. Devido, porém, ao número reduzido de missionários e aos compromissos pastorais com o atendimento dos Santuários, das paróquias missionárias e da formação, demoraram quase vinte anos para montar uma Equipe Missionária permanente. A primeira Equipe Missionária (provisória, composta dos Pes.: Tadeu Mazurkiewicz, Cristóvão Dworak e Casimiro Małolepszy) foi criada em novembro de 1988, mas os membros não foram liberados de outros compromissos pastorais. Neste tempo, em novembro de 1990, foi realizada a primeira Santa Missão organizada pelos Redentoristas da Bahia, em Conceição da Feira – BA.

Na medida que o grupo foi crescendo com a chegada dos novos missionários e com as ordenações sacerdotais, a Vice-Província investiu nas Missões Populares. A Equipe Missionária definitiva foi constituída no começo do ano de 1993, pelos Padres: Cristóvão Dworak, Tadeu Mazurkiewicz, Cristóvão Mamala, Adão Mazur e Vilmar Correia.

A bandeira da Copiosa Redenção já foi levada a muitos lugares e até a vários Estados do Brasil. Foram realizadas as Santas Missões em ambientes de muito desafio, como nas favelas de Salvador: Novos Alagados, na Colônia dos Leprosos de Águas Claras, nas Malvinas (Bairro da Paz), Pituauçu, Pernambués, Cou-

tos, etc. Foram realizadas grandes Missões de um mês, ou mais, em que se engajaram até 15 e mais confrades e muitos Missionários Leigos. Pelas Santas Missões, a exemplo de Santo Afonso, os Redentoristas da Bahia chegaram aos lugares grandes e aos lugarejos mais insignificantes. As maiores Missões foram pregadas em Floresta, Cabrobó e Petrolândia (fevereiro e março de 1998), no Estado de Pernambuco; em Riacho de Santana e Matina (maio-junho de 2001) e em Monte Santo (novembro-dezembro de 2003), em Jaguarari (fevereiro e março de 2004) no Estado da Bahia. A Santa Missão, nas grandes paróquias, costuma ser realizada em mais de trinta comunidades rurais, onde muitas outras comunidades menores ficam incluídas e em várias comunidades urbanas.

O trabalho missionário exige grande sacrifício, abnegação, espírito de fé e de caridade, de contínua preparação e aperfeiçoamento. A fim de preparar os confrades para o trabalho missionário, foram realizados Cursos de Capacitação Missionária, de três meses, pela Vice-Província (1992 e 2002). Os missionários participam, também, dos encontros de estudo em nível nacional e internacional.

No decorrer dos anos, os componentes das Equipes Missionárias mudam, mas sempre a pregação das Santas Missões fica em destaque entre as prioridades apostólicas da Vice-Província.

b) Objetivo geral da Missão Redentorista⁵²

Diante do desafio da Nova Evangelização e da caminhada de fé no Novo Milênio, a Missão Redentorista tem como objetivo prestar uma ajuda missionária na renovação da Paróquia através de:

- Anúncio explícito do Evangelho de Jesus Cristo;
- Consolidação da renovada maneira de organizar-se como Igreja;

⁵² EQUIPE MISSIONÁRIA, *Orientações para os párocos, sobre as Missões Redentoristas*, 2003.

- Novo impulso missionário aos grupos já existentes, fomentando a participação missionária na vida da Comunidade. (SD 60),⁵³
- Formação dos grupos de vivência cristã nos setores missionários;
- Ajuda para suscitar novas lideranças;
- Chamado aos indiferentes e afastados, abandonados e marginalizados a integrarem-se na comunidade. (SD 60; 26; 97);
- Incentivo dos meios de perseverança.

Todo este processo possibilita o encontro da pessoa com Jesus Cristo e visa maior adesão a Ele. Restabelece o compromisso de segui-Lo na tarefa missionária por Ele confiada através da conversão pessoal e comunitária para viver e crescer em comunidade. A Missão pretende atingir e envolver todos as pessoas da paróquia (DGAE 61, n.229);⁵⁴ por isso ela é comparada a um “mutirão de evangelização”.

c) Fases da Missão

Para possibilitar a realização de tal objetivo, a Missão Redentorista desenvolve-se ao longo de, pelo menos, um ano, através de seis fases, a saber:

1ª fase – Preparação e organização das Santas Missões, com as visitas prévias dos missionários, escolha dos centros da Missão, etc.;

2ª fase – Organização do Ano Missionário na paróquia, com a mobilização de todas as forças vitais da mesma;

3ª fase – Escolas de Formação Missionária para os leigos da paróquia a ser missionada. Os missionários (padres ou leigos) organizam cursos sobre a pessoa de Jesus Cristo, a Sagrada Escritura, a Igreja, esclarecendo, também, os pontos práticos de engajamento na Santa Missão;

⁵³ Documento de Santo Domingo da CELAM – Conferência dos Bispos da América Latina (1992).

⁵⁴ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora.

4ª fase – Pré-Missão e oração nas famílias. Toda a comunidade paroquial é dividida em setores de 30 famílias que, durante um mês inteiro, imediatamente antes da Santa Missão, propriamente dita, realizam evangelização nas casas;

5ª fase – Santas Missões, que duram numa determinada comunidade 12, 8, ou menos dias, dependendo do tamanho da mesma e das necessidades pastorais;

6ª fase – Pós-Missão, é realizada de variadas formas, como cursos de liturgia, da catequese, da Bíblia para os leigos das comunidades, novenas, visita da Imagem de Bom Jesus da Lapa, etc.

Cabe dizer que as Santas Missões da Vice-Província costumam ser realizadas nas localidades muito distantes (de mil quilômetros e mais), o que exige muitas viagens, perda de tempo, cansaço e elevados custos financeiros. A remuneração da paróquia nem sempre cobre os gastos, de maneira que, a Equipe Missionária não consegue garantir a auto-sustentação. As Santas Missões da Vice-Província da Bahia são realizadas com um verdadeiro idealismo.

d) Outros trabalhos missionários

Além das Santas Missões clássicas, com todas as fases, a Vice-Província realiza muitos outros trabalhos missionários, como semanas missionárias, semanas vocacionais, novenas, tríduos e visitas da Imagem Peregrina do Bom Jesus e de Nossa Senhora d'Ajuda (um movimento religioso de três dias e meio – projeção do Santuário de Bom Jesus da Lapa e do de Nossa Senhora d'Ajuda), etc.

e) Santas Missões – fator de crescimento da Vice-Província

Uma vez montada a Equipe Missionária estável que organiza as Santas Missões, os confrades da Vice-Província conseguiram criar mais um ponto de convergência muito importante, engajando-se quase todos, nos trabalhos missionários. Os formadores das casas de formação, os confrades que trabalham na pastoral ordinária das paróquias, os engajados na administração, etc., todos eles procuram participar em, pelo menos, uma Santa

Missão por ano. As Santas Missões criam interesse comunitário, proporcionando, portanto, muita vitalidade à Vice-Província; entusiasma os formandos e constituem fonte de novas vocações para a Congregação. Os Redentoristas da Bahia já ganharam muito prestígio como missionários, de maneira que a agenda missionária está completa com alguns anos de antecedência.

4. PASTORAL VOCACIONAL NA VICE-PROVÍNCIA

As prioridades da Missão Redentorista da Bahia começaram a cristalizar-se logo no início. Surgiram como respostas aos desafios e às urgências pastorais que encontravam. Uma delas, que marcou vivamente a caminhada da Missão da Bahia, foi a Pastoral Vocacional. Parece impossível imaginar os Redentoristas da Bahia sem essa inquietude e sem a ação vocacional. Acreditaram e investiram nas vocações brasileiras!

A Pastoral Vocacional da Missão da Bahia que estava presente desde os primeiros anos, recebeu um notável impulso quando o número de confrades aumentou com a chegada dos Pes. Tadeu Pawlik (janeiro de 1976) e Francisco Micek (abril de 1976). Em 1977, este último foi nomeado promotor vocacional da Missão da Bahia.

Os dias de 28-30 de agosto de 1977 podem ser considerados "históricos": em Bom Jesus da Lapa, quando foi realizado o primeiro encontro de jovens vocacionados. Houve participação de quatro lapenses e seis de outras localidades da Bahia. A partir daquela data, todos os anos organizavam encontros vocacionais e os estágios de seleção, segundo as orientações dos padres da Província de São Paulo que, depois do estágio vocacional de seleção, feito na Bahia, aceitavam os jovens baianos, pernambucanos e mineiros nos seus seminários.

A cada ano, os Redentoristas imprimem uns quinze mil folhetos com mensagem vocacional, que entregam aos jovens nas palestras e ao povo em geral. Os romeiros levam as mensagens vocacionais para as suas comunidades. Como resposta a esse trabalho, chegam cartas de rapazes e moças, solicitando informações sobre a vida religiosa e sacerdotal.

Os anos setenta e oitenta foram um tempo em que a pastoral vocacional não tinha sido implantada nas dioceses e nas congregações, de maneira que houve, a cada ano, dezenas de jovens interessados pela orientação vocacional. Neste sentido os Redentoristas foram pioneiros da pastoral vocacional nesta parte do Brasil. Atualmente, em cada período da romaria, também estão sendo distribuídos milhares de panfletos vocacionais, de ótima qualidade, mas já sem esse mesmo efeito, porque a pastoral vocacional está implantada em todas as dioceses e congregações.

Os vocacionáveis, que entram em contato com a pastoral vocacional, refletem toda a situação sócio-religiosa da região: falta de escolas, falta da vida religiosa nas paróquias, problemática familiar, extrema pobreza, etc. Por isso, é muito modesto o fruto dos esforços da Pastoral Vocacional da Vice-Província.

A pastoral vocacional dos Redentoristas alargou os seus horizontes e abriu-se mais, com o engajamento dos seminaristas teólogos. A criação da equipe missionária e pregação das missões populares redentoristas abriram mais uma chance nesse setor. O carisma redentorista é muito atraente para a juventude de nosso tempo.

Nos primeiros vinte anos, os Redentoristas da Bahia tiveram promotor vocacional liberado apenas durante alguns meses, no ano de 1988. Não dispunham de meios suficientes para realizar um trabalho mais organizado numa região pobre, com distâncias muito grandes. Pelo menos uma terça parte dos vocacionáveis não podia participar dos encontros vocacionais, devido à pobreza da família.

Somente com o crescimento numérico dos confrades, a partir do ano 1993 a pastoral vocacional recebeu um impulso decisivo, quando Pe. José Grzywacz, sacerdote jovem (ordenado em 1991), assumiu esse setor de trabalho. Com todas as habilidades, com a criatividade fora do comum, com meios mais modernos (computador), ajudado por um seminarista e pelo Clube Vocacional Redentorista, fundado e animado por ele mesmo, levou adiante esse setor de trabalho durante seis anos, com resultados muito animadores. Os encontros vocacionais passaram a ser realizados por regiões (Salvador, Lapa, Bonfim e Arraial d'Ajuda), para facilitar a participação dos jovens. Pe. Geraldo

Carlos Rodrigues Camargo (ordenado em 1996) continua realizando a grande obra de promoção vocacional ajudado pelo Clube Vocacional Redentorista que contribui para a auto-sustentação da Pastoral Vocacional. Os efeitos são visíveis: as casas de formação estão cheias!

Desde 1972, até 2002, os Redentoristas da Bahia acompanharam 1.130 (mil e cento e trinta) jovens através das cartas, Curso Vocacional por Correspondência, visitas, encontros, estágios e convivências vocacionais com a ajuda profissional de psicólogos. Mais de trinta deles chegaram a fazer a profissão religiosa na Congregação e oito receberam a ordenação sacerdotal na Vice-Província. Mais de vinte ex-seminaristas das casas de formação da Vice-Província chegaram a ser sacerdotes diocesanos. Várias moças se realizam na vocação religiosa, graças à orientação da pastoral vocacional redentorista. É, sem dúvida, uma grande contribuição dos Redentoristas da Bahia para a Igreja do Brasil.

5. FORMAÇÃO BÁSICA DOS SEMINARISTAS

Os Redentoristas da Bahia procuraram, desde o começo, formar futuros missionários. Já em 1974 enviaram um jovem para o Seminário Santo Afonso, em Aparecida-SP. Pelos seminários da Província de São Paulo passaram dezenas de candidatos baianos, mineiros e pernambucanos. A experiência de enviar os jovens para os seminários paulistas foi praticada durante treze anos (1974-1987). Durante vinte anos mandavam os jovens para o noviciado da Província de São Paulo e, a partir de 2001, para o noviciado da Província de Goiás.

Nos anos de 1978-1984, em Bom Jesus da Lapa, existia uma comunidade vocacional composta de jovens de pouca escolaridade, para que pudessem concluir o 1º grau. O número de jovens, a cada ano, era de seis a oito. Dois deles chegaram ao sacerdócio como padres diocesanos.

A abertura da casa de formação, em 1981, em Salvador, para os estudantes de filosofia e teologia, foi um ato de muita fé no futuro e confiança nos jovens baianos. Os Redentoristas da

Bahia contaram, na época, com apenas nove sacerdotes, realizavam muitíssimo trabalho pastoral, estavam sem experiência nem preparação para o trabalho de formação, mesmo assim, preocupados com o futuro e confiando nas vocações nativas, os padres Francisco Micek e Tadeu Pawlik foram transferidos para a formação dos filósofos e teólogos em Salvador.

A Província de Varsóvia, depois de um período de hesitação e expectativa inicial, confiou na formação realizada na Bahia, enviando, no decorrer dos anos, doze junioristas (1984 – quatro; 1988 – três; 1991 – três; 1998 – dois). Foi, realmente, um ato de muita coragem e confiança tanto por parte do governo provincial, como, principalmente, por parte dos jovens seminaristas. Dois deles não se adaptaram à realidade baiana e retornaram ao Seminário da Província, onde foram ordenados sacerdotes. Graças a essa experiência a Vice-Província conseguiu crescer e ser o que é atualmente. Os seminaristas poloneses (junioristas) deram, em certas épocas, uma estabilidade ao processo de formação, de maneira que a presença deles foi muito positiva. Essa experiência foi, na maioria das vezes, contestada, ou simplesmente tolerada pela maioria dos confrades brasileiros. Aconteceu até uma desistência do juniorista do 2º ano de teologia, em protesto contra a vinda dos estudantes poloneses.⁵⁵

Nos últimos anos, com o crescimento do número dos jovens brasileiros, com confiança nas vocações locais, a Vice-Província não mais solicita a vinda dos estudantes poloneses, mesmo que ainda esteja olhando o futuro com incerteza, devido à instabilidade vocacional dos jovens brasileiros.

A Vice-Província providenciou a infra-estrutura para a formação, preparando os formadores e os professores, elaborando normas de formação, a “Ratio Formationis”.

Com a preocupação pelo espaço físico para a formação, os Redentoristas construíram duas casas para os seminaristas. Atualmente, a Vice-Província possui três casas de formação:

⁵⁵ Em 1987, juniorista Aristóteles da Silva, protestando contra a vinda dos seminaristas poloneses, passou para a diocese de Feira de Santana, onde, depois, foi ordenado sacerdote.

- Beato Gaspar, em Bom Jesus da Lapa, (propedêutico, fundada em 1994), com o estudo no Colégio “Promove” e acompanhamento vocacional na casa de formação, na ex-fazenda Consolação;
- Santo Afonso – Barris (postulantado, a partir de fevereiro de 1987);
- São Geraldo – Pituauçu (juniorato, na casa antiga nos anos 1995-96 e, na casa nova, a partir de fevereiro de 2001), estas últimas em Salvador.

Os estudantes de filosofia e teologia estudavam, durante os vinte anos, no Instituto de Teologia da Universidade Católica de Salvador e, a partir de 2002, no Instituto de Teologia São Bento, dos Monges Beneditinos, também em Salvador.

Ao longo dos anos, muitos padres da Vice-Província já trabalharam na formação dos estudantes. Nos últimos anos estão engajados neste trabalho, de preferência, os confrades brasileiros.

6. FORMAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS LEIGOS

A Vice-Província Redentorista da Bahia, através de seu Secretariado de Formação, a partir do ano de 1993, empenhou-se em organizar de maneira sistemática o seu trabalho com os Leigos, a fim de integrá-los nas suas atividades missionárias.⁵⁶

De um lado, a motivação veio dos documentos oficiais que valorizam a atuação dos Leigos junto à Congregação Redentorista,⁵⁷ por outro lado, o interesse foi fortalecido pela experiência vivida junto aos leigos das comunidades da favela das Malvinas (hoje Bairro da Paz), dos bairros do Tororó e Pituauçu, em

⁵⁶ Dados do relatório do Pe. José Grzywacz para a Reunião pré-capitular em Puebla (México), em 2003. Cf. Noticiário Nº 65, pp. 51 ss.

⁵⁷ Governo Geral da C.S.S.R., *Communicanda* 93: “A cooperação dos Leigos com a nossa Congregação”, Roma, 1985; o Documento Final do Capítulo Geral da C.S.S.R., Itaiçi, 1991; como, também o Documento Final da IV Conferência do CELAM, Santo Domingo, 1992; e, finalmente, a *Communicanda* de 1998, sobre a Espiritualidade.

Salvador e em Feira de Santana, depois das Santas Missões realizadas, em 1992, naquela cidade.

No dia 5 de fevereiro de 1995, o primeiro grupo de vinte missionários redentoristas leigos fez seus compromissos missionários na igreja de N. S. das Candeias, em Pituaçu.⁵⁸

Em março de 1996, os MRL “veteranos” renovaram e os “novatos” de Salvador e Feira de Santana fizeram o seu primeiro compromisso missionário, consagrando a sua vida ao Cristo Redentor, comprometendo-se na obra de evangelização dos pobres e dos excluídos.

Desde aquela época, até a data presente, a Vice-Província da Bahia continua se empenhando na formação permanente dos missionários leigos veteranos e de novos já integrados. Os Estatutos dos MRL elaborados na Vice-Província foram aprovados e elogiados pelo Governo Geral.

A expressão forte dos MRL, na Bahia, é a sua participação nas Santas Missões, como atualização da missão do carisma redentorista. Estas acontecem em companhia da Equipe Missionária ou em Missões organizadas por eles mesmos, em sintonia com os responsáveis pela formação. Por outro lado, há aqueles que assumem o compromisso missionário e dedicam-se à oração e ao trabalho pastoral em sua comunidade, impossibilitados que estão de uma atividade missionária distante da família, do trabalho e outros afazeres.

Com o crescimento, em número, dos MRL, especialmente na cidade de Feira de Santana, e a expansão para outra cidade – a de Senhor do Bonfim, onde atuam os Redentoristas – tornou-se necessária a criação dos seguintes núcleos: Salvador – atualmente com 28 missionários, Feira de Santana – com 19 missionários, Senhor do Bonfim – com 10 missionários e Bom Jesus da Lapa, com cerca de 15 candidatos.

No sentido de ajudar na formação de novos missionários e estando em sintonia com o plano pastoral da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, com o lema: *Ser e fazer discípulos*, o Secretariado de Vida Apostólica organizou, a partir do início do

⁵⁸ Redentoristas da Bahia, Caderno Documentário C-1, Relatório para o II Capítulo da Vice-Província (1995), p. 159.

ano de 2003, mais um curso de formação de missionários leigos. São dois anos de formação: teologia geral (2003) e formação missionária redentorista com as aulas práticas (2004). No Curso iniciaram mais de cem leigos de diversas paróquias de Salvador.

7. MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Os Redentoristas da Bahia se servem dos MCS para a evangelização. Desde os primeiros anos procuraram montar a Gráfica em Bom Jesus da Lapa a fim de elaborar material impresso a serviço dos peregrinos, objetivo que, na medida do possível, foi alcançado. Foram editados vários livros, brochuras e catecismos, história do Santuário do Bom Jesus, como também variedade de folhetos de orientação aos romeiros.

A partir do ano de 1982, funciona, em Bom Jesus da Lapa, a Rádio Bom Jesus AM, que está sendo aproveitada para a obra da evangelização. A mesma é propriedade da diocese local, mas está sendo dirigida pelos Redentoristas. Muitas celebrações e programas religiosos estão chegando a milhares de diocesanos e peregrinos do Bom Jesus de muitas outras dioceses da região.

As outras comunidades redentoristas, como a do Senhor do Bonfim e do Arraial d'Ajuda, também usam as rádios locais para transmitir a mensagem do Evangelho. Os Redentoristas estão presentes através da internet que começa a ser um novo meio de comunicação social de muita importância. A paróquia da Ressurreição do Senhor, em Salvador, está editando um jornal mensal, de alta qualidade, "O Ressuscitado".

Alguns confrades estão contribuindo para preservar a história do grandioso trabalho missionário realizado na Bahia, escrevendo sobre lugares do nosso pastoreio (Pe. Lucas Kocik, Pe. Marcos Piątek, Pe. José Grzywacz, Pe. Francisco Micek e outros).

III. VICE-PROVÍNCIA DA BAHIA: COMUNIDADE APOSTÓLICA

1. ESPIRITUALIDADE E FORMAÇÃO PERMANENTE

Ao longo da história, os Superiores vice-provinciais e o Secretariado de Espiritualidade zelam pela formação permanente, de acordo com as recomendações oficiais da Congregação.⁵⁹ As cartas circulares dos Superiores vice-provinciais e outro material formativo, a valiosa coleção da “Espiritualidade Redentorista”, editada pela URB⁶⁰ contribuem para a formação permanente e ajudam a aprofundar o conhecimento do carisma da Congregação.

Desde o começo, a Missão e, atualmente, a Vice-Província Redentorista da Bahia realiza dois encontros anuais, de cinco ou seis dias (assembléias ou capítulos) para todos os confrades. Um encontro é destinado ao estudo dos temas pastorais e missionários e outro é retiro espiritual. Os encontros fomentam a união e a fraternidade entre todos os confrades e servem para discutir os assuntos da atualidade da Vice-Província.

Os encontros de estudo são orientados por pessoas competentes nos assuntos escolhidos, o que enriquece o conhecimento e aperfeiçoa os trabalhos apostólicos realizados pela Vice-Província. Os retiros costumam ser orientados pelos confrades redentoristas das outras Províncias do Brasil. Cabe frisar que, na medida do possível, todos os confrades participam dos encontros. Os junioristas, quando o tempo lhes permite, participam também dos encontros da Vice-Província criando-se um clima de muita alegria e fraternidade.

⁵⁹ Constituições 77-90 da C.S.S.R. A Constituição 77 declara que: «o processo de formação... abrange... a formação que deve continuar por toda a vida». *O Documento Final do XXI Capítulo Geral*, 1991, no n° 52. Pe. Juan M. Lasso de la Vega, *Relatório para o XXII Capítulo Geral*, de 1997, *As “Orientações do Capítulo Geral”*, de 1997, no n° 5.7, etc.

⁶⁰ URB = União dos Redentoristas (Províncias, Vice-Províncias e Regiões) do Brasil.

Levando em conta a necessidade de capacitação missionária e pastoral, seis confrades da Vice-Província fizeram estudos de pós-graduação, licenciado, mestrado ou doutorado: quatro em Roma e dois em São Paulo.

Os promotores vocacionais, os formadores e os missionários populares realizam cursos de capacitação, organizados em nível interprovincial redentorista, ou em nível internacional. Participam, também dos encontros de estudo em nível intercongregacional. Os postulantes e os junioristas participam dos encontros interprovinciais e intercongregacionais.

Completando os dez anos da ordenação sacerdotal os confrades têm oportunidade de aproveitar um ano para a reciclagem teológica, durante o assim chamado "ano sabático".

Em nível das comunidades da Vice-Província os Redentoristas da Bahia encontram muitas dificuldades para continuar a formação permanente. As comunidades, na sua maioria, são pequenas, compostas de dois ou três confrades que são sobrecarregados de atividades pastorais. Isso não favorece encontros, dias de estudo ou do retiro comunitário.

2. VISITAS DOS GOVERNOS GERAL E PROVINCIAL, FATOR DE CRESCIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA VICE-PROVÍNCIA

As visitas oficiais e extra-oficiais dos Governos Geral e Provincial contribuem para o crescimento e consolidação da Vice-Província da Bahia. Em várias ocasiões as visitas trouxeram solução aos problemas existentes e incentivaram o desenvolvimento dos trabalhos apostólicos.

Houve, também, algumas outras visitas particulares dos confrades da Província de Varsóvia, como, por exemplo, do jurista Pe. Jan Cygnar que, permanecendo durante alguns meses na Bahia, em outubro do ano de 1992, concluiu a elaboração dos Estatutos Vice-Provinciais.

Os encontros dos confrades poloneses com a realidade da Bahia tiveram aspecto muito positivo tanto para a Vice-Província, como para os confrades da Província-Mãe.

A participação dos superiores da Vice-Província nos Capítulos provinciais e as visitas dos confrades à Polônia (poloneses e brasileiros) têm também um lado muito positivo, criando laços de amizade e despertando interesse pelo trabalho missionário no Brasil. Acontecia isso, sobretudo, nos primeiros vinte anos de existência da nossa Missão da Bahia.

A união entre a Vice-Província da Bahia e a Província-Mãe se expressa de várias formas. Assim, em 1989, Pe. Tadeu Pawlik pregou retiros espirituais para os confrades (padres e estudantes) da Província de Varsóvia; o professor de Teologia Moral, Pe. Marcos Piątek, deu aulas durante um semestre no Seminário de Tuchów.

Aconteceram, também, visitas fraternas recíprocas com os confrades da Vice-Província de Resistência (Argentina) e com os da Região de Tupiza (Bolívia) – ambas fundações da Província de Varsóvia.

3. ELABORANDO A INFRAESTRUTURA ECONÔMICA PARA A EVANGELIZAÇÃO

Ao longo de dezenas de anos, a Missão – Vice-Província da Bahia – precisou ser mantida com a ajuda financeira do exterior. Foram o Governo geral da Congregação e as Instituições Benéficas da Europa que contribuíram para a construção das casas, compra dos carros e para a manutenção dos seminaristas. Paulatinamente, a Vice-Província está procurando a auto-sustentação da sua obra de evangelização.

a) Bom Jesus da Lapa

Investimentos em benefício do Santuário e da Paróquia

Os Redentoristas da Vice-Província da Bahia, por trabalharem numa região muito pobre, uma das mais problemáticas do Brasil, estão compartilhando a situação do povo. Em Bom Jesus da Lapa, nos primeiros anos, habitaram uma casa velha, de barro, que não mais oferecia condições para morar. Com um grande esforço, conseguiram construir, nos anos 1975-78, sob a orienta-

ção do superior, Pe. Ceslau Stanula e do ecônomo, Pe. Lucas Kocik, a casa (da propriedade do Santuário do Bom Jesus), que é moradia da comunidade e, ao mesmo tempo, lugar de hospedagem dos confrades e outros sacerdotes que chegam para a romaria.

Ao longo dos anos construíram dezenas de igrejas, capelas e vários centros comunitários na cidade da Lapa e no interior da paróquia. O complexo de prédios do CTL – Centro de Treinamento de Líderes – da diocese foi construído também pelos Redentoristas (Pes. Tadeu Słaby e Casimiro Zymuła).

A administração do Santuário do Bom Jesus constitui um setor de trabalho muito difícil e desgastante. Mesmo assim conseguiram realizar obras sociais e melhoramentos em benefício dos romeiros.

Em benefício da Vice-Província

Em nível da Vice-Província, em Bom Jesus da Lapa foram feitos investimentos na Gráfica – Editora Bom Jesus, que, depois de vinte e cinco anos de funcionamento precário, finalmente, a partir do ano de 2003, está entrando numa nova fase, com os passos corajosos do ecônomo Vice-Provincial Pe. Cristóvão Marmala, que decidiu investir na modernização da mesma.

Uma pequena propriedade rural – Fazenda São Geraldo – por encontrar-se em região de seca e de clima implacável, exige investimentos para que possa ser lucrativa. Estes investimentos estão sendo feitos, com a abertura do poço artesiano que servirá para a irrigação do solo.

Foi aberta, também, em Bom Jesus da Lapa (e, posteriormente, em Feira de Santana, Itabuna e no Arraial d’Ajuda) a Livraria Boa Nova, com bom estoque de livros e de outro material de formação religiosa.

b) Salvador

- A moradia da comunidade de São Lázaro, situada nas dependências (coro e corredor) da igreja, passou por várias reformas, de maneira que atualmente possui condições relativamente boas.

- Os investimentos mais significativos foram feitos em função das casas de formação. Em 1980 foi comprada uma residência familiar, no bairro dos Barris, para abrir a casa de formação São Clemente. A mesma passou por várias reformas e adaptações, servindo atualmente, a partir de 1993, de residência do governo da Vice-Província e da Equipe Missionária.

- Em 1985-86 foi construído, sob a orientação do Pe. Casimiro Zymuła, o prédio do Seminário Santo Afonso, também no bairro dos Barris, para os postulantes (filosofia). A casa comporta uns 15 estudantes.

- Finalmente, no ano de 2000, graças ao empenho do ecônomo da Vice-Província, Pe. Cristóvão Mamala, foi construída a casa do Seminário São Geraldo, em Pituaçu, para uns doze seminaristas. Desta maneira a Vice-Província dispõe de uma estrutura satisfatória para a formação dos jovens.

- Nas proximidades de Salvador, no bairro de Buraquinho, foi adquirida uma propriedade, com a finalidade de estruturar uma casa de retiros e de descanso para os confrades. Uma casa que existe no local e que foi reformada, já está servindo para encontros e descanso, mas, por ser pequena, ainda não está preenchendo as expectativas.

c) As outras comunidades redentoristas

Na cidade de Senhor do Bonfim e no Arraial d'Ajuda, a Congregação não dispõe de nenhuma propriedade. Todo o trabalho administrativo dos Redentoristas está voltado para a manutenção, melhoramentos e reformas das igrejas, capelas e centros comunitários das respectivas dioceses.

- 1) Em Senhor do Bonfim, os Redentoristas realizaram, com muito empenho, várias reformas da igreja catedral e de vários outros lugares de culto, construíram também uma igreja nova, a do Santíssimo Redentor.

- 2) No Arraial d'Ajuda, a comunidade mora em condições muito precárias, numa casa de barro. Há necessidade da construção de uma residência nova. Graças ao empenho dos Redentoristas, em preparação ao jubileu dos 500 anos do Brasil, foi re-

novada a igreja do Santuário. Foram também recuperadas várias propriedades do Santuário e construídas algumas capelas.

4. ACONTECIMENTOS MARCANTES NA HISTÓRIA DOS REDENTORISTAS DA BAHIA

Os pequenos sucessos, alcançados com esforço e simplicidade, podem trazer muita alegria e bem-estar. Assim, a realização do trabalho missionário, as conquistas pastorais junto ao povo peregrino, em Bom Jesus da Lapa, sempre proporcionam à Vice-Província muita alegria e júbilo. Cada período da romaria e cada Santa Missão realizada, são acontecimentos de interesse comum de todos.

Os acontecimentos de maior relevo, como a abertura de novas frentes do trabalho missionário e pastoral, em Salvador, em Una, em Senhor do Bonfim e no Arraial d'Ajuda, marcaram profundamente a história da Vice-Província.

A estruturação das casas de formação básica dos seminariastas foi, também, motivo de muito júbilo. A abertura da primeira casa de formação (Comunidade São Clemente), em 19 de março de 1981, a inauguração da Casa Santo Afonso (em fevereiro de 1987) e, finalmente, a construção e abertura da casa de formação São Geraldo (em fevereiro de 2001), trouxeram à Vice-Província muita esperança para o futuro. As primeiras profissões religiosas dos confrades brasileiros inspiravam sempre esperança no porvir da Vice-Província. Mas, também, cada desistência causa decepção e tristeza geral.

As ordenações sacerdotais dos confrades novos foram vivenciadas pela Vice-Província com muita ênfase e, no caso dos confrades brasileiros, preparadas com as Semanas Vocacionais nas paróquias de origem. A nomeação episcopal do Pe. Ceslau Stanula, a sua consagração e tomada de posse foram festejadas pela Vice-Província e por outros confrades poloneses (da Polônia, da Argentina e da Bolívia). Foi um acontecimento marcante!

Festejos jubilosos da Instituição oficial da Vice-Província da Bahia, nos dias 5-10 de novembro de 1992, em Bom Jesus da Lapa, reuniram quase trinta confrades redentoristas de fora, re-

presentando o Governo Geral (Pe. Joseph W. Tobin), Governo provincial de Varsóvia (Pe. Zdzisław Klafka), da Vice-Província de Resistencia, da Argentina, Região de Tupiza – Bolívia e Superiores (vice-) provinciais do Brasil.

Outros dias marcantes foram os festejos do Jubileu dos 25 anos do trabalho pastoral e missionário na Bahia, realizado em Salvador. Na ocasião, foi organizado um Congresso Missionário, com a participação dos bispos redentoristas, representantes dos Governos: geral (Pe. Noel Londoño), provincial (Pe. Witold Kawecki), da Itália, da Argentina, da Bolívia e de quase todas as (Vice-)Províncias do Brasil.

A Vice-Província da Bahia conheceu, também, decepções profundas. Uma das primeiras foi a morte prematura do Pe. Waldemar Gałazka, um missionário de muito ânimo e vitalidade, acontecida no dia 26 de fevereiro de 1986, quando o mesmo contava com apenas 32 anos de idade.

A saída dos confrades, deixando o sacerdócio (José Daniełuk, em 1988, e João Waligóra, em 1997), causou muita tristeza e perplexidade na Vice-Província. Também o retorno dos outros confrades para Polônia (Fr. Adalberto Zagrodzki, em 1986, Pe. Casimiro Zymuła, em 1991, Fr. Sławomir Clemente Skubisz, em 1994, Pe. Tiago Ćwik, em 2001, e Pe. Tadeu Słaby, por motivo da doença, em 2002), foi sentida pelos confrades da Bahia. O desligamento dos confrades brasileiros (Pe. Walfrido João Knapik, em 1996 e, temporariamente, do Pe. Antônio Rosivaldo Mota, em 2002) causou muitos questionamentos na Vice-Província.

Para perpetuar os acontecimentos e para notificar outros, desde 1979 os Redentoristas da Bahia estão editando seu boletim informativo “Noticiário” (três vezes ao ano), em duas versões: portuguesa e polonesa, através do qual se comunicam com os Redentoristas das outras Unidades, missionários leigos, parentes, benfeitores, etc. O mesmo deixou de ser editado nos anos de 2000-2002, mas, a partir do ano de 2003, a edição foi reiniciada. Também está sendo editado, a partir de janeiro de 1996, um pequeno informativo mensal “Axé da Bahia”, que, no período de dois anos (2000 e 2001), não mais foi editado, mas, a partir do ano de 2002 foi reiniciada a sua edição. O mesmo constitui um elo de união entre os Redentoristas, MRL, parentes e ben-

feitores. Desde o começo do ano de 2003, os Missionários Redentoristas Leigos da Bahia editam seu informativo mensal, denominado "Juntos". A internet e outros meios modernos de comunicação servem, também para manter a união e fraternidade.

RESUMO

A mais nova Unidade redentorista do Brasil, a Vice-Província da Bahia, completou trinta anos de história. Fundada em 8 de dezembro de 1972, a Região da Bahia transformou-se em Vice-Província, vinte anos depois, em 1992. Atualmente, conta com 36 confrades professos.

A sua fidelidade ao carisma alfonsiano os Redentoristas da Bahia expressam, desde o começo, no atendimento pastoral do Santuário do Bom Jesus da Lapa, um dos mais importantes do País, realizando uma "missão permanente". Devido à situação de abandono do povo por motivo de falta de clero, atendem, também, várias grandes paróquias missionárias.

A partir do ano de 1992, contando com o crescimento numérico, os Redentoristas da Bahia assumiram, como prioridade principal, a pregação das Missões Populares, manifestando muita vitalidade e empenho apostólico.

A Pastoral Vocacional e a Formação Básica foram, desde o começo e continuam sendo as maiores inquietudes dos Redentoristas da Bahia. Atualmente, a Vice-Província da Bahia possui três casas de formação.

Os Missionários Redentoristas Leigos tornaram-se uma realidade marcante na vida da Vice-Província, participando ativamente da pregação das Santas Missões.

Os Redentoristas da Bahia, através do seu apostolado missionário, doam, com generosidade, as suas vidas pela Copiosa Redenção (Cf. XXIII Capítulo Geral).

SUMMARY

The Vice-Province of Bahia, the most recently established Redemptorist Unit in Brazil, has just completed thirty years of history. Founded December 8, 1972, the then Region of Bahia went on to become a Vice-Province, twenty years later, in 1992. There are currently 36 professed confreres in the Vice-Province of Bahia.

From the beginning the Redemptorists of Bahia have expressed their fidelity to the Alphonsian charism through the pastoral care of pilgrims to the Shrine/Sanctuary of Bom Jesus da Lapa, one of the most important in the country, where they continue an ongoing "permanent mission". Because of the lack of clergy and the consequent situation of abandonment, the Redemptorists of Bahia also serve in several large missionary parishes.

In 1992, with a significant increase in membership, the Redemptorists of Bahia began, as a principal priority and with great vitality and apostolic dynamism, to preach "Popular Missions".

From the very beginning, vocational promotion and initial formation were and continue to be major concerns for the Redemptorists of Bahia. At this moment the Vice-Province of Bahia has three houses dedicated to the initial formation of future Redemptorist missionaries.

The Redemptorist lay missionaries, actively participating in the preaching of missions, have become an important and outstanding part of the life of the Vice-Province.

The Redemptorists of Bahia, through their missionary apostolate, offer their lives generously for Plentiful Redemption (Cf. XXIII General Chapter).